

*Christina Baumgarten*

HB

EDITORA

# TRAMA URDIDA NA DOR

ou

Seis contos sobre a alma feminina

**TRAMA URDIDA NA DOR**  
**ou**  
**Seis contos sobre a alma feminina**

**Christina Baumgarten**

**Fazenda Mount Vernon - Estado da Virgínia (Estados Unidos) - 1765**

**M I L L I E**

Millie acordou com um sobressalto e, olhando pela janela que filtrava a tênue claridade da manhã que se iniciava, pulou da enxerga em que dormia. Seus pés, em contato com o chão duro e gelado, retesaram-se num movimento de frio e cansaço, mas ela ignorou esta manifestação involuntária do corpo e, com uma rapidez desenvolvida pelos anos de trabalho e submissão, enfiou sobre a camisola de flanela puída e rota as suas vestes de trabalho. A saia, de sarja azul escura já muito remendada escondia as formas redondas da escrava e a blusa de uma lã que há muito perdera a cor completava o trabalho de ocultar a beleza que tanto a atormentava. A lembrança do chicote de Dona Marta estava ainda bem clara em seu lombo castigado, bem como as palavras amargas de desprezo que ela pronunciara, culpando a pobre Millie por chamar tanto a atenção do amo. Aos cabelos, cujas inúmeras tran-

ças formavam um emaranhado confuso em torno da cabeça, Millie não deu nenhuma atenção e, chegando perto da bacia que havia sobre a pobre mesa que servia ao cômodo, molhou o rosto com a água enregelante. Lançou uma olhada aos irmãos menores, que ainda dormiam sobre as outras enxergas e, sem mais hesitação, saiu para o frio da madrugada.

Ai dela se fosse pega dormindo depois que os primeiros raios de sol despontavam, dourando a plácida superfície do Rio Potomac. Seu amo e senhor, o nobre George Washington, não admitia duas coisas. A primeira era permanecer na cama depois do nascer do sol e a segunda era que algum escravo permanecesse em repouso depois que ele já estava de pé. Sua mãe há muito já tinha levantado, pois trabalhava na cozinha e a esta hora já devia estar assando pães e broas de maçã para o café da família e seus muitos convidados. O pai de Millie, por sua vez, já devia estar no campo, arando a terra e preparando-a para o cultivo do milho, que logo seria semeado.

Millie passou pelo jardim e observou que a aridez do inverno começava a ceder, e alguns pequenos e tímidos brotos começavam a mostrar a cara na superfície ainda gelada dos canteiros que, dali a algumas semanas, estariam reverberando com a beleza e colorido das flores e plantas que seus amos tanto gostavam. Também ela amava flores e teria preferido ser designada para o trabalho no jardim, mas Dona Martha fora inflexível, colocando-a no serviço da lavagem de roupa,

um dos mais pesados da casa.

Caminhando pelos gramados de Mount Vernon, admirou mais uma vez a beleza do lugar onde vivia. A superfície espelhada e brilhante do Rio Potomac imperava, já naquela hora matinal, sobre a paisagem majestosa da fazenda. Para Millie, aquele era seu verdadeiro lar. Apesar da dor e sofrimento constante, e da angústia que muitas vezes via refletida fugazmente nos olhos de seus pais, era nas conversas ao pé da fogueira, durante os raros momentos de folga, que Millie descobria que a realidade, em outras fazendas da região e daquele imenso país podia ser muito diferente, e muito mais dura para os negros, expatriados da sua terra para construir a grandiosidade daquela nação em formação. Os mais velhos, que já haviam pertencido a outras famílias, comentavam em voz sussurrante os maus tratos e torturas que já haviam sofrido, e todos sentiam-se gratificados por terem sido comprados por George Washington, um grande homem e figura das mais importantes na sociedade americana. Para Millie não tinha havido escolha, era apenas uma meninazinha magrela e calada quando seus pais haviam sido comprados, mas cresceram forte e rápido sob o sol e a fartura de Mount Vernon. Esta é que havia sido a sua desgraça. Tornara-se uma garota exuberante, cujo corpo deslizava em meneios sensuais pelas terras da fazenda, embora nada fizesse para ostentar esta aparência.

Passou rapidamente pela varanda da casa grande, pisan-

do furtivamente na grama gelada para não fazer barulho. Ela sabia que, a esta hora, Dona Martha já estava de pé, com seu eterno chicotinho nas mãos, observando o trabalho da criadagem da casa, e supervisionando a montagem da grande mesa do café. Qualquer descuido seu e ela viria para a varanda, e não custava nada para disparar algumas chicotadas em seu lombo já judiado pelas muitas pancadas. Somente uma vez observara seu amo por perto e vira quando ele, silencioso porém firme, segurara as mãos de Dona Martha impedindo-lhe o gesto. Mas esta ousadia custara-lhe muito mais caro. Nos dias seguintes tivera pilhas muito maiores e mais sujas de roupa para lavar e ficara até altas horas no escuro e fétido quartinho onde se fazia este serviço, com os braços moídos de tanto revirar, com um grosso pau de carvalho, os caldeirões onde a roupa fervia para recuperar a sua brancura original. Mesmo voltando tardiamente para a senzala, com os braços amortalhados e caídos ao lado do corpo cansado, Dona Martha esperara pela passagem dela e, com um ar de desprezo, pespegara-lhe algumas chicotadas como quem faz um favor. Na sua velha blusa ainda restavam diminutas manchas do sangue que a chibata fizera aflorar na carne.

Millie recolheu furtivamente nos dedos as lágrimas que esta lembrança despertara e correu para o lado norte da propriedade, onde ficavam as construções de serviço. A sala da intendência fervilhava de agitação, e escravos passavam apressados vindo da enorme despensa, carregados com as iguarias que lá estavam estocadas. Em Mount Vernon havia fatura, e

muita. Para além da importância do senhor George Washington, que era um dos cabeças da grande nação americana, havia a operosidade e grande fertilidade das terras, que eram cultivadas com esmero e zelo impares pelo batalhão de escravos, sob a supervisão rigorosa e engenhosa do próprio Washington.

Abandonando seus devaneios, Millie correu para a sala da lavagem. Um vapor abafado pairava no ambiente, fruto da fervura de muitos caldeirões onde a roupa branca e imaculada das senhorinhas era devolvida ao seu estado original, depois de exigir muito suor e esforço das escravas envolvidas neste serviço. Grace, Calpúrnia e Celeste já estavam lá, e Millie mais uma vez estremeceu, ao perceber o quanto se atrasara, correndo um enorme risco.

*- Ocê tá atrasada di novo, Millie! Que qui tá acontecendo cocê? Nun era de perdê a hora nunca e, de uns tempo prá cá, perde quasi todo dia.....* - Grace advertia a menina com um ar quase maternal. Enquanto falava, parou por alguns momentos de agitar algumas camisolas de cambraia de um enorme tacho de cobre, enxugando com a manga da blusa o suor que afluía em sua testa, apesar do frio.

*- Num sei proquê minha mãe num me chamou.....Ela saiu do quarto e eu nem vi!*

*- Sua mãe me disse qui ti chamou e sacudiu até, mas*

*ocê nem se mexeu.....ocê tá doente ou prenhe, menina!*

Estas palavras caíram como uma bomba sobre Millie. Com um meneio de ombros, aparentando não dar importância ao que dissera Grace, voltou-se para uma grande pilha de roupas escuras, grossas e que ficariam imensamente pesadas ao serem molhadas. Atacou o serviço quase com fúria, para surpresa das outras escravas. Mas sua mente viajava em alta velocidade, lembrando acontecimentos que trazia guardados no fundo da alma, procurando esquecer algo que a marcaria para sempre. Enquanto lembrava, seus olhos ficaram vidrados e ela caiu num aparente mutismo, fazendo com que a esquecessem no seu canto. Enquanto o corpo executava maquinalmente as tarefas que já conhecia de cor, Millie lembrava a noite enluarada, há quase dois meses atrás, em que saíra da senzala, já noite alta, a fim de caminhar um pouco. Embora estivesse acostumada aos sons que seus pais faziam todas as noites, antes de dormir, a cada dia que passava isto a perturbava mais. Fazia muita força para adormecer antes que eles comesçassem com aqueles movimentos rítmicos que acompanhavam com gemidos guturais, mas ao mesmo tempo esperava com ansiedade crescente e um inexplicável ardor entre as pernas e na barriga o momento em que iniciassem. Por outro lado sentia-se ilícita, quase ladra por assistir e roubar deles esta intimidade, compartilhando, de forma secreta, um pouco daquela emoção intensa.

Naquela noite saíra a caminhar, envolta em um cobertor

velho e mal cheiroso, a fim de acalmar o coração que batia-lhe no peito como o cavalgar de um cavalo. Ouviu sons de conversa, risadas cristalinas e retinir de copos e louças na grande sala da mansão, mas não se atreveu a olhar para dentro. Se alguém a visse espiando, estaria danada! Estacou ao ver a lua refletida no grande espelho das águas do Potomac, formando uma esteira de luz onde estavam salpicadas estrelas diminutas e seu coração de encheu da mesma luz e beleza. Seus pensamentos voaram e imaginou o conforto, o calor e o deleite do sabor das iguarias que as pessoas, lá dentro da mansão, estariam usufruindo. Sua mãe comentara, ainda hoje, toda a trabalhadeira e correria na cozinha para preparar o banquete daquela noite: assado de porco com molho de laranja e purê de maçãs, cabrito cozido em molho de ervas, presuntos guarnecidos com melado e cerejas, tortas de carne e de frutas, batatas assadas fumegantes e cobertas com a rica manteiga produzida em Mount Vernon, pudins e frutas em calda e massas branquinhas que estalavam na língua. Sua boca se encheu de água enquanto o estômago se contraía de fome. Seu jantar fora, como para todos escravos, um mingau de farinha de milho adoçado com um pouquinho de melado grosso e escuro, e o corpo pedia desesperadamente por algo mais. Não chegou a ouvir os passos atrás dela, e sem que percebesse, o grande senhor estava parado ao seu lado, admirando também a esteira prateada da lua nas águas do rio. Estremeceu ao sentir sua presença ao lado, e percebeu-se presa de grande excitação. O amo, tão importante, deixara seus convidados e postara-se ao seu lado, naquela noite enluarada?!?

Ele olhou-a com um ar no qual havia carinho, desejo e dúvida. Súbito, demonstrando ter cedido a um impulso, tomou sua mão e arrastou-a, numa carreira desabalada, até a cabana de pedras que havia às margens do rio, na qual ficavam guardados os apetrechos de pesca. O peixe era uma das grandes fontes alimentares da propriedade e havia inúmeros escravos dedicados exclusivamente ao trabalho diário da pesca. As brasas fumegantes de um fogo que havia sido feito para a lida da pesca ainda lançavam uma calidez ao ambiente e, com apenas alguns pedaços de turfa seca foi possível reavivar as chamas que subiram graciosas e alegres pelas paredes da lareira. Millie sentiu suas roupas serem afastadas com um pouco de brutalidade e mãos sôfregas acariciaram seus seios jovens e empinados. Encostando-a contra a parede fria e dura, o grande George Washington desvirginou-a com movimentos rápidos e assustadiços, enquanto Millie sentia os corações deles batendo avassaladoramente, em uníssonos. Suas pernas fraquejaram e deixou-se escorregar pela parede, jazendo sentada com as pernas desmesuradamente abertas e o corpo abandonado, submisso e entregue a forte emoção do momento. O amo saiu da cabana furtivamente, sem dizer uma única palavra e ela deixou-se ficar, devaneando e revivendo aqueles momentos infinitamente, enquanto as mesmas e fortes emoções se sucediam infindáveis. Somente quando o frio da madrugada veio morder sua pele nua despertou daquele devaneio e, ajeitando como pode suas vestes, correu para a senzala, esgueirando-se para a sua enxerga de palha sem ser vista. Adormeceu quando o dia começava, e aquele foi o primeiro

dia no qual perdeu a hora do trabalho. E foi justamente naquela manhã que o amo impediu, com um gesto firme e mudo, a chicotada que já partia para o seu lombo encolhido e marcado. Embora ele se virasse e fosse embora sem uma palavra, Millie jamais esqueceria o olhar gelado e condenador com que Dona Marta a olhara, como se adivinhasse a culpa que se avolumava em sua consciência.

Naquele e em outros dias executara suas tarefas de maneira automática, enquanto a mente viajava e, revivendo aquela lembrança oculta, revisitava as emoções que o corpo sentira, e estremeções incontidas a sacudiam. Aos poucos a lembrança foi amainando, tornando-se um cálido refúgio para a mente torturada pela saudade e pela dúvida. Em vão procurara os olhos do grande senhor, nas raras oportunidade em que o encontrava sem a onipresente Martha por perto, mas ele em nenhum momento dera a menor demonstração de cumplicidade com ela. Nenhum olhar, nenhum sorriso, nem mesmo um ar de carinho perpassara suas feições naqueles fugazes momentos. Ela chegara a duvidar de si mesma, achando que tudo poderia não passar de um sonho de noite enluarada.

E agora Grace vinha com esta suspeita, que lhe fizera sacudir as fímbrias mais íntimas da alma? Já percebera algumas sutis modificações no corpo, e seu sangue não descia já há algum tempo, seriam dois meses? Millie se criara na senzala, em meio as mulheres mais velhas, e conhecia muito bem os fatos da vida. Como filha mais velha, crescera observando

que, aos embates amorosos dos seus pais durante as noites insones, sucediam-se as barrigas da mãe e o nascimento dos irmãos. Cansara de assistir aos encontros sexuais de muitos casais, na promiscuidade forçada do ambiente da senzala. Não quisera admitir, o que sua mente já sabia: ela estava de barriga, e seu filho seria do grande homem que era uma das mais importantes figuras do país.

Que fazer, como agir?

Embora apertasse as roupas e disfarçasse os sintomas, não demorou para que sua mãe percebesse que Millie estava embarrigada. Passou a olhá-la com olhos perscrutadores e curiosos, e assim que surgiu a oportunidade, interpelou-a sem delongas:

- *Millie, tu tá di barriga, eu já notei. Quem foi qui ti pegô, é gente boa? Si fô trabalhadô, é bem capais do sinhô deixá tu casá. Vô vê si falo hoje com a Sinhá Martha e....*

- *Num faiz isso, mãe! Deixa que eu resorvo meus problema!* Millie cortou a mãe com raiva e medo, adiando mais uma vez o confronto inevitável.

Os dias foram se sucedendo, a primavera coloriu os jardins da propriedade e colocou vida nos campos, que se foram dourando e tornando férteis. Assim como a terra, Millie sentia-se frutificar. A criança crescia na sua barriga dia após dia, forte e cheia de vontade de viver. Um róseo rubor coloriu suas faces e os olhos pareciam azeitonas tiradas da barrica

de óleo, demonstrando a vivacidade que lhe ia na alma. Embora fosse louca, uma felicidade sem conta avassalou totalmente seu coração naqueles dias.

Com o verão, chegaram as evidências irrefutáveis. A barriga estufara demais, os braços estavam grossos e as faces redondas, e Millie já não podia mais esconder seu estado. Caminhava de forma um pouco bamboleante pelo jardim, olhando com prazer as dedaleiras e peônias, que se debruçavam, coloridas e vivazes, para ela, quando sentiu um olhar gelado sobre si. Dona Martha estava sentada à sombra de um carvalho, usufruindo o clima ameno daquela estação, e colocara os olhos sobre Millie com espanto e raiva. Durante algum tempo ela tinha sido beneficiada com algumas viagens da grande senhora, e muito ardilosa para evitá-la quando estava em casa. Mas agora ela olhava e acintosamente percebia o que o corpo da negrinha sinalizava de forma gritante. De onde Martha tirava a sua arguta percepção, Millie não podia entender. Mas percebeu que ela, de imediato, adivinhou tudo. A raiva transpareceu em seus olhos azuis que desfecharam dardos raivosos sobre Millie, sem que fosse necessária uma palavra. Millie virou-se e, o mais rápido que seu corpo volumoso permitiu, tratou de sumir das vistas da patroa. Um desassossego tomou conta de seu coração, uma intuição ruim que não lhe permitia dormir ou sossegar. Era como se um grande animal selvagem estivesse a espreita o tempo todo, prestes a agarrá-la e acabar com ela.

Naquela noite não suportou a opressão do ambiente da senzala: os cantos e batuques, o calor do fogo e o cheiro do mingau de milho misturado a fumaça dos cachimbos sufocou-a, e buscou as margens do majestoso Potomac.

Quantas vezes já contemplara aquele rio, na busca incessante de reviver aqueles loucos e poucos momentos? Quantas vezes sonhara em repetir a loucura, em sentir novamente a presença do senhor junto dela, em silêncio e ímpeto? Não pedia nada, olhares, palavras, nada. Só que ele viesse novamente até ela, e usufrísse do seu corpo, com o mesmo silêncio e ânsia originais. Mas nada acontecera e, com as pernas dormentes e doloridas, voltara noite após noite para a sua enxerga de palha na úmida e fria senzala.

Naquela noite foi diferente. Ficou em silêncio e solidão durante largos momentos, admirando o rio, tão plácido e majestoso sob a luz fria da lua e já se preparava para voltar quando ouviu um som abafado e, voltando-se com alguma dificuldade, deu com os olhos lúcidos e agigantados do seu grande senhor. O coração de Millie deu um salto dentro do peito, suas pernas amoleceram e a respiração tornou-se entrecortada e arfante. Ele, sempre em silêncio, fez-lhe um gesto algo contido e foi caminhando para a cabana de pesca. O coração de Millie recusava-se a calar, e cantava hinos de louvor, iguais aqueles que ela ouvira durante anos a fio na igreja dos brancos. Obrigava-se a guardar bem no fundo do coração as cantilenas em ialorubá que faziam parte de sua própria tradi-

ção. Não sentia-se no direito de cultivar tradições tão estranhas ao seu senhor, pai do seu filho.

Neste ínterim, ele chegara a cabana alguns segundos antes dela e estacara na porta, fazendo um gesto mudo para que ela entrasse. No entanto, ao passar por ele sentiu que seu braço era segurado com uma força descomunal, desnecessária. Olhou-o bem nos olhos e no fundo deles leu desespero, medo e raiva. Ele comprimia os lábios até que as comissuras se tornassem brancas e, depois de alguns momentos, disse-lhe com voz estrangulada:

- Perdoe-me!

Empurrou-a então para dentro da cabana e ela só pode ouvir a porta bater atrás de si. Lá dentro, três homens a esperavam armados de cordas e o mais mal encarado deles portava uma enorme faca cuja lâmina brilhou à luz da lua que se coava pelas janelas mal urdidas. Millie virou-se para o olhar o senhor, e ver qual seria sua reação, mas deu de cara com a porta fria e branca, fechada atrás de si. Então compreendeu o real significado da palavra que ele pronunciara alguns segundos antes, e que ela reputara em outra conta. Virou-se de frente para aqueles malfeitores e, de repente, não tinha mais medo de nada!

**Floresta de Cuninghann - Condado de Sussex -  
Inglaterra - 1542**

**MILDRED**

Embora pisasse sobre folhas secas e galhos caídos de árvores, não se ouvia nenhum som de seus passos, enquanto Mildred corria velozmente pela floresta. Aquele era o seu reino particular, ali conhecia cada árvore, cada galho, cada planta. Sabia exatamente onde encontrar as ervas certas para acalmar dores, despertar fortes emoções e avivar sentimentos. Era também ali, na calma lúcida e plácida da companhia das árvores centenárias que sentia a forte presença de seres que ela não podia definir, nem entender. Luzes perpassavam seus olhos e ao seu redor sentia presenças etéreas que lhe roçavam o corpo e influenciavam a alma, sem que ela soubesse exatamente que influências eram estas.

Sorriu com brandura ao ver alguns azevinhos balouçando seus cachos vermelhos em seus cabelos, e percebeu instintivamente a presença de tordos ansiosos para bicar as bagas vermelhas e suculentas. A natureza falava sempre com ela, e Mildred respondia com intensas emoções, embora o diálogo

fosse mudo e sutil. Explicar era impossível, e ela já desistira. Nem mesmo sua família podia entendê-la, e a sua fama de esquisita já correra todo o vilarejo próximo ao qual viviam. Embora com reservas, ao longo dos anos a população acostumara-se a entrar na velha cabana junto ao bosque sempre que algum mal lhes afligia para buscar o conforto e a cura que Mildred podia lhes dar. Sempre com seu sorriso enigmático e uns imensos olhos azuis concentrados na narrativa de cada um que a procurava, Mildred levantava-se em silêncio e, do seu armário de ervas retirava alguma mistura imprecisa que trazia alívio e cura. As vezes, ela pedia a pessoa que esperasse, ou mesmo que voltasse outra hora, pois o caso requeria algo de especial, que deveria ser preparado. Era nestas ocasiões que corria para a floresta com seu velho cesto de vime e, na volta, trazia uma série de ervas e plantas com as quais executava novos e inusitados preparados.

Mildred nunca olhara num espelho, nem dava-se conta da graça de sua figura, uma verdadeira ninfa correndo por entre as árvores com uma leveza etérea. Era alta e esbelta, com cabelos de um vermelho semelhante as labaredas da fogueira e os olhos de um azul tão intenso que parecia ter sido roubado do céu de primavera. Quando sorria, todo o seu rosto refletia uma paz interior tão soberba que era digna de uma verdadeira rainha. Mas estas preocupações mundanas não afetavam Mildred. Ela preferia falar com o vento, sorrir para as árvores e seres da floresta, e entrar em comunhão com as águas do riacho, nas quais banhava-se e se purificava sema-

nalmente. À sua volta pairava sempre um cheiro de rosa e açucenas que acalmava e tranqüilizava quem se acercasse dela. Naquela radiosa manhã buscava algo em especial, para acalmar as intensas dores de cabeça de Margath, filha de seus vizinhos. Sabia, sem poder explicar como, que as dores de cabeça de Margath vinham do medo que ela sentia de seu padrasto, um homem rude e sensual, que lhe botara os olhos em cima e a cada dia chegava mais perto, com dedos e pensamentos lúbricos. O que Mildred queria achar eram ervas capazes de embotar o encanto e sedução naturais da jovem, por isto sua busca hoje estava mais difícil e exigia toda a sua perspicácia. Já trazia na sua velha cesta artemísia e agrimônia, poderosas contra vibrações negativas de toda espécie, e sabia que encontraria erva-doce e lima em sua horta, amorosamente cultivada atrás de casa, mas ainda faltavam as poderosas sementes de coriandro e algumas trufas especiais, que só ela conhecia e sabia serem muito poderosas. Com um sorriso vitorioso, escavou junto a turfa e o musgo que se acumulavam ao pé de um velho carvalho e logo surgiram em suas mãos, cuja brancura a terra maculara, algumas bolas pretas e peludas, de uma textura e maciez incomparáveis. Eram as trufas que ela procurava, poderosíssimas para bloquear maus instintos. Esmagadas e misturadas as sementes de coriandro e algumas gotas de lima, constituiriam um elixir protetor infalível, que embotaria os sentidos do padrasto mal intencionado de Margath. Sentindo-se antecipadamente vitoriosa, Mildred saiu correndo e sua imagem desvaneceu-se por entre a densa ramagem da floresta. Nenhum som se ouvia a sua

passagem, e em breve minutos ela estava novamente em casa, concentrada na complicada elaboração do elixir desejado.

À noite, cuja temperatura tépida convidava ao deleite, Mildred caminhou suavemente para o riacho e, despindo-se completamente, expôs o corpo à luz da lua e da fogueira que queimava turfa, musgo e algumas achas de lenha. No fogo Mildred jogara displicentemente algumas sementes de noz moscada e canela, e agora um irresistível aroma se espalhava no ambiente, sutil e provocante. Tomando de uma concha, recolheu a água pura do riacho e, jogando-lhe algumas gotas de óleo de cânfora, deixou que corresse sobre a sua cabeça enquanto olhava para a lua, fazendo uma muda evocação à deusa da terra. Jogando pétalas de avenca, camomila e erva-moura num remanso do riacho, entrou na água e banhou-se com deleite e prazer, alijando o corpo e a mente de todas as vibrações negativas que acumulava no atendimento espontâneo a tantos sofredores e perturbados. Depois deixou secar o corpo ao calor da fogueira aromatizada, entrando em comunhão com a terra, o céu e todos os seres visíveis e invisíveis que a habitavam. Voltou para casa renovada e atirou-se à cama velha e desconjuntada, entrando a dormir e sonhar em poucos instantes. No sonho, uma velha senhora apareceu-lhe e, com um olhar de ternura e pena, meneava a cabeça em um sinal que ela pressentia ser de luto e reprovação. Mildred acordou com uma funda e inexplicável tristeza, sentindo escorrer as horas do dia sem nada fazer, causando estranheza a toda a família, acostumada a vê-la em azáfama constante. No final da tarde, quando uma imponente carruagem tirada por oito cavalos

brancos parou à frente da pobre casinha da família, Mildred sentiu uma estranha premonição e, encaminhando-se para a porta disse com sobriedade:

- Podem deixar que eu atendo, pois é comigo que eles querem falar.

O imponente cocheiro de libré dourada abriu a portinhola da carruagem e deu passagem a uma bela e jovem dama vestida de preto, que olhou para ela com ar interrogativo, perguntando em seguida se era ali que morava Mildred, a curandeira. Ao sinal afirmativo da jovem, disse com ar grave:

- A senhora deve vir comigo. A Condessa de Sussex está muito doente, e todos os recursos da medicina humana nada mais podem fazer por ela. Como último desejo, ela pede para vê-la. Pensamos então em....sua voz quebrou-se com um ar triste, e ela não completou a frase.

- Dê-me apenas alguns minutos e já partiremos - disse Mildred, voltando-se para a humilde casa e apanhando algumas ervas de uso geral como briônia, camomila, jasmim, louro e erva-doce.

Segurando a cesta bem junto ao corpo, rígida e calada, Mildred foi sacolejando pela trilha junto a bela dama, que a olhava com ar de curiosidade e um certo medo.

Mildred estava quieta e muda enquanto olhava para a paisagem que corria, como que em transe. A carruagem pe-

netrou numa imensa alameda da acácias, cujas folhas caíam mansamente sobre o caminho, executando um suave bailado no ar outonal que dourava o ambiente. Finalmente, a carruagem estacionou diante de um imponente palácio de pedras que a pátina do tempo tingira de cores imprecisas, e cujas ameias e seteiras projetavam-se orgulhosas no espaço, anunciando sua superioridade.

Mildred foi levada por muitos corredores nos quais imponentes imagens olhavam-na com ares severos e reprovadores, aumentando a atmosfera de opressão que a cercava.

Finalmente entraram em enorme aposento onde uma lazeira espalhava um calor opressivo, e encontraram a grande dama de Sussex despojada sobre a imensa cama de dossel recoberto de brocados pesados e recamados de fios de ouro e prata. Sua respiração era estertorante, e o peito arfava para sugar do ar um fio de vida que parecia se escoar a cada instante. Com um rápido olhar para a dama, e ainda sem pronunciar palavra, Mildred jogou algumas sementes de lírio no fogo, e em segundos elas espalharam um perfume doce e sutil no ambiente. Abriu em seguida as pesadas cortinas e deixou que a janela coasse a claridade baça da tarde cismarenta. Olhou a velha senhora com seu ar piedoso e a imediata sensação de compaixão que sempre a acometia nestas ocasiões tomou conta dela, de forma suave e total. A velha olhou-a, com olhos profundo e sofredores, e pronunciou com um sus-

piro:

- Há quanto tempo...há quanto tempo...! Suas palavras se perderam, sua voz quebrou-se e ela deixou que a cabeça pensasse no imenso travesseiro de penas.

Mildred amparou sua cabeça e olhando bem nos olhos já baços e quase sem vida, disse-lhe algumas palavras em tom baixo e carinhoso, que não foram ouvidas por mais ninguém no recinto. A velha fechou os olhos e inalou uma erva que Mildred colocou sob o travesseiro, parecendo ter relaxado.

Mildred dirigiu-se a dama que a trouxera e ainda estava parada junto dela, estática, dizendo:

- Traga-me um tripé, um pequeno caldeirão e mande por água a ferver aqui na lareira. Eu já volto!

Mildred singrou pelos corredores sabendo instintivamente que caminho seguir e, em poucos instantes, encontrava-se junto ao jardim. Encaminhou-se para o bosque que circundava a propriedade e, em breves instantes, trazia inúmeras ervas e plantas nas mãos. Angélica, anis e artemísia uniram-se a sementes de girassol e amêndoas, folhas de figueira e hissopo e algumas lavandas em flor, recendendo forte perfume foram arrojadas ao caldeirão, que se pôs a recender um ar forte de perfume e ervas. Mildred revirava a mistura com sua curta vara de carvalho, da qual nunca se afastava, e olhava preocupada para a velha que dormia. Por fim deu por finali-

zada a mistura e, deixando-a descansar no caldeirão, espalhou pétalas de camomila e um pouco de areia no chão do quarto. Em seguida pendurou galhos de rosas secas nas janelas e atrás de cada porta, enquanto murmurava palavras ininteligíveis em tom gutural e quase imperceptível. Colocou um punhado de sal em cada um dos quatro cantos do quarto e em seguida, sentou-se no chão próximo da cama da velha dama, permanecendo por largos instantes de olhos fechados e aparentando total desligamento.

Em seguida, colocando a mistura do caldeirão numa xícara de fina porcelana que repousava sobre a lareira, levou-a aos lábios da debilitada senhora. Depois de alguns goles, uma sutil cor rosada voltou as faces enrugadas, e ela esboçou um sorriso, adormecendo em seguida como se estivesse em paz. Uma voz imperiosa fez-se ouvir da porta do aposento:

- A senhora acredita então que com estas poucas ervas e rituais primitivos curará minha mãe de uma enfermidade tão longa e difícil?

Mildred virou-se e deu com um jovem cuja imponência era impressionante, aumentada pelas roupas impecáveis e suntuosas. O impacto que um causou ao outro foi notável. O décimo quarto Conde de Sussex abriu desmesuradamente os olhos, fez um gesto vago com as mãos e suspirou profunda e intensamente. Não esperava pela beleza, juventude e aparente paz que pairavam ao redor da jovem feiticeira.

Mildred por sua vez sentiu, pela primeira vez, o apelo natural da juventude no corpo vibrante. Virou-se novamente de costas, a fim de tomar fôlego, e deu com os olhos argutos e brilhantes de sua paciente. Naquele momento reconheceu-a como a personagem do seu sonho, e o olhar de reprovação e pena era o mesmo que ela lembrava tão bem. Corou violentamente, meneou a cabeça e, com este gesto involuntário, fez rebrilharem os cabelos cor de fogo.

Então voltou-se e enfrentou o Conde de Sussex com um ar de dignidade ao mesmo tempo simples:

- Sua mãe está condenada! Um grande mal corrói suas entranhas, e já se espalhou por tudo. Se eu tivesse começado um tratamento há anos atrás, quem sabe pudesse curá-la. Agora só posso aliviar suas dores e sofrimento!

O Conde contraiu o rosto ao ouvir tal condenação.

- O que esperar de uma ignorante feiticeira de aldeia? Como não sabe diagnosticar o mal dela, inventa uma doença incurável como quem compra favas na botica...! Quanta leviandade! Pois eu lhe aviso, se minha mãe piorar, será julgada como feiticeira e charlatã, e que Deus tenha piedade de sua alma!

Nem revolta, nem ódio ou aparente consciência da injustiça cometida pelo arrogante nobre transpareceram no rosto de Mildred. Deu de ombros, voltou-se para sua paciente e, com aparente calma, começou a traçar alguns sinais

cabalísticos sobre seu corpo, segurando nas mãos um cristal de cor roxa e que refletia, aquela hora do entardecer, os últimos raios de sol.

Depois de alguns instantes de hesitação, o conde deu de ombros e com um ar que revelava confusão, dúvida e alguma raiva, saiu do quarto de sua mãe.

Bem mais tarde, quando a lua projetava uma luz fria e metálica sobre o chão do quarto, Mildred despertou de um curto sono com o som da respiração entrecortada da velha senhora, que procurava pronunciar algumas palavras em meio a agonia que a acometia. Mildred soergueu-a no travesseiro e procurou acalmá-la, impondo a mão livre sobre a sua testa, enquanto fazia invocações em tom murmurado.

Com algum esforço, a condessa abriu desmesuradamente os olhos e, olhando bem nos olhos de Mildred, meneou a cabeça em sinal de dor e pena. Depois, sem pronunciar palavra, pendeu a cabeça suavemente e morreu sem mais um suspiro.

Antes de chamar qualquer pessoa, Mildred fez um ritual de purificação completo, tirando-lhe as vestes e lavando o corpo com água de rosas, jasmims e camomila.

Colocou pétalas de rosa dentro da boca e cerrou os olhos desmesuradamente abertos da velha, enrolando folhas secas

de ligústica nas pernas e pingando algumas gotas de óleo de serralha sobre elas. Perfumou os cabelos com óleo de semente de maçãs e, com um suspiro, deu o trabalho por concluído. Chamou então alguns serviçais que permaneciam insones, em alerta para qualquer necessidade, comunicando a morte da condessa. Apenas alguns minutos depois Mildred viu-se frente a frente com o conde, de cujos olhos saíam chispas de ódio e reprovação.

Acusou-a de forma inclemente, irritando-se ainda mais com o silêncio aparentemente calmo de Mildred.

- Feiticeiras! Nós ainda vamos acabar com todas vocês!

Os acontecimentos seguintes pareceram obedecer a uma ordem pré estabelecida, e às vezes Mildred tinha a sensação de que todos a sua volta executavam um bailado cujos movimentos haviam sido previamente combinados. Foi se fechando cada vez no seu mundo particular, e por muitas vezes a cela fétida e escura na qual a encerraram parecia cheia de luz e perfume. No início ainda tentou purificá-la, jogando sal grosso e areia branca extraída do fundo do regato nos quatro cantos, aspergindo gotas de óleo de morango nas pedras e traçando cruces no chão com essência de romã, mas logo a alijaram de todos os seus pertences e roupas, deixando-a nua, coberta apenas com um pano andrajoso de cor indefinível. Seus brilhantes cabelos foram brutalmente cortados e a cabeça raspada com uma navalha que lhe deixou cortes fundos e dolorosos.

Logo o rosto, naturalmente fino, demonstrava a magreza provocada pela privação de alimento e repouso decente. Quando defrontada com as autoridades que a interrogavam, não raro mantinha os olhos baixos para que não vissem que neles continuava a brilhar uma chama interior inextinguível. O dia do seu julgamento chegou. Acostumada com as perguntas capciosas e cheias de maldade dos seus interrogadores, decidiu calar-se. Sabia já estar condenada, fora julgada pelo preconceito dos homens de sua sociedade, e não pela regra de ouro na justiça.

Na soturna sala de julgamento percebeu uma densa massa cinzenta e pesada no meio da qual moviam-se as pessoas: parentes, vizinhos, curiosos e as autoridades que ali estavam em nome da pretensa justiça. Em meio a escuridão, divisou alguns pontos de luz: eram mulheres, ou meninas ainda, que pareciam lhe sorrir e estender as mãos, caridosas e complacentes. Fixou-se nestas imagens e não ouviu mais nada. O amortecimento só passou quando as primeiras línguas de fogo morderam vorazmente seus pés, prenunciando o suplício final.

**Condado de Brunsvick – Alemanha – 1855**

## **E D E L T R A U D**

Toc! Toc! Toc!

O som seco das pás de terra sobre o caixão soavam como uma libertação para Edeltraud. De cabeça baixa, procurava ostentar tristeza e consternação, mas por dentro seu coração cantava. Estava livre, livre!

Bertold jazia sob a terra, morto afinal! Bertold o bruto, sensual, glutão e estúpido marido ao qual tinha sido entregue com apenas quatorze anos, cheia de sonhos e ilusões. Ele a maltratara, seviciara e torturara durante dez anos sem nenhum respeito pela sua pouca idade, pelo seu sofrimento e dor. Fizera-lhe filhos e nem isto fora capaz de lhe infundir um pouco de respeito por ela.

Edeltraud trabalhara como um burro de carga nestes últimos dez anos, desde muito antes do sol nascer até tarde de cada noite, não importando a temperatura e o seu cansaço cada vez maiores. Quando caía na cama, exausta de um dia estafante, ainda tinha que suportar o seu peso morto e fedorento sobre ela, resfolegando na busca do prazer solitário e egoísta.

Sua rotina massacrante se iniciava muito antes do nascer do sol, quando o frio das madrugadas cortantes rasgava-lhe a pele branca e frágil. Seguia para o velho paiol da propriedade metida nas velhas botinas furadas, em meio ao pátio lamacento. Levando um balde numa das mãos e um candeeiro na outra, ai enfiando para dentro de um velho lenço, que um dia fora de um vermelho vivo e alegre, os cachos dourados do cabelo que insistiam em cair no rosto. A ordenha dos poucos animais que possuíam era um momento de paz. Edeltraud cantava baixinho e as vacas soltavam o leite quente e espumoso, enchendo o velho balde de madeira e espalhando um aroma gordo e reconfortante no ar gelado do galpão. Depois, ela recolhia os ovos e, quando o sol espiava sonolento por sobre os montes gelados, já tratara todos os animais e estava preparando o desjejum da família. Uma chaleira chiava alegremente no fogão, despejando gotículas de água que espoucavam como pipocas no calor da chapa. Um aroma delicioso se espalhava no ambiente, mescla do pão que assava no forno de lenha e das cebolas e ovos fresquinhos que fritavam na enorme frigideira de ferro.

Quando Bertold chegava à cozinha, de cara amarrada e acertando as roupas mal ajambradas sobre o corpanzil, já encontrava a mesa posta com uma deliciosa refeição. Pão quente, nata e manteiga frescas, geleias feitas com as frutas da propriedade, ovos e cebolas fritos em banha de porco e salpicados com aromáticas ervas que Edeltraud cultivava com muito cuidado. Tudo feito por ela, com sabor incomparável. Sem um gesto de cordialidade, ele se atirava sobre a mesa e comia de maus modos, saindo em seguida com um sonoro arrote, sem dirigir uma única palavra à ela.

Depois de atender às tarefas domésticas e necessidades das crianças, Edeltraud preparava a próxima refeição para a família e alguns empregados e ia para a roça, capinar o extenso milharal que farfalhava ao vento gelado. Depois ainda cuidava do pomar, colhia frutas e verduras, dedicava algum tempo ao jardim que circundava a velha casa, para finalmente retornar a ela e executar mais uma série interminável de tarefas cotidianas. Somente bem tarde da noite achava tempo para passar, com o ferro em brasa, as roupas de toda a família que havia lavado pela manhã.

Era uma rotina estafante e sem intervalos, que se perpetuava dia após dia, ao longo dos últimos dez anos. Somada ao mutismo e grosseria do marido, suas exigências exageradas haviam levado Edeltraud a um estado de desânimo que a prostrara para a vida. Vivia como que sonâmbula, executando maquinalmente esta infernal rotina que nunca acabava.

Somente despertara deste estado quando Bertold, o porco e desumano marido, havia caído morto depois de estertorar alguns segundos no chão. O rosto ainda vermelho, de um tom quase roxo, ostentava uns olhos desmesuradamente abertos e um fio de baba escorria, lento e catártico, pela comissura do queixo, como um último sinal da vida que se esvaía.

Lentamente, Edeltraud aproximara-se do corpo inerte e cutucara-o de leve, com a ponta do pé. Involuntariamente encolhera-se, esperando uma reação violenta. Mas Bertold continuara inerte, mortinho da silva. Depois de alguns segundos ela, num impulso incontrolável, dera-lhe um pontapé com a força dos anos de ira e mágoa acumuladas e, virando-se, saíra da cozinha com ar de altiva felicidade.

Uma chuvinha fina e gelada começou a cair sobre o pequeno grupo de pessoas que acorrera ao enterro de Bertold, acabando por dispersar os circunstantes de uma vez por todas. Edeltraud se viu só, diante do mal arrumado monte de terra, debaixo do qual jazia o seu algoz.

- Que a terra o consuma inteiro! – pronunciou com certa raiva e desprezo, virando-se para ir embora. Ao virar-se, deu de cara com os olhos envolventes e magoados de Wilhelm. Secretamente, Edeltraud vinha nutrindo, de uns anos para cá, uma admiração apaixonada pelo seu cunhado Wilhelm.

Como duas criaturas tão diferente podiam Ter saído do mesmo lugar? Enquanto Bertold fora um bruto, grosseiro e

insensível, seu irmão Wilhelm era um homem sereno, calmo e doce. Com muita frequência, seus olhos contemplativos caíam sobre Edeltraud e uma sombra de pena e dor passava muda por eles. Algumas vezes chegara a esboçar um gesto de protesto, diante da brutalidade do irmão, mas nunca chegara a dizer nada, e acabava dando de ombros e saindo com um ar desolado.

Mudo também naquele momento, acercou-se e colocou seu braço em volta dela, num gesto protetor. E naquela noite, no calor da lareira, abriu-lhe o coração, falando de sentimentos guardados por tanto tempo.

Sem nem lembrar o defunto ainda quente na sepultura, abraçaram-se com volúpia, dando vazão à emoções sufocadas por demasiado tempo. Depois da urgência saciada, caíram em si e emudeceram, entristecidos. Até na morte Bertold os atingia, impedindo que fossem felizes juntos. Como imaginar que as famílias, a comunidade e a estreita sociedade do condado, tão fechadas e severas, permitiriam tal união?

Cunhados eram como irmãos, e esperar que aceitassem a migração do papel de Wilhelm na família era utopia.

De cabeça baixa ele bateu a porta e saiu caminhando na chuva, de ombros caídos e com muita tristeza no coração. Tanto tempo sonhando e sufocando os sentimentos, para agora depois daquela explosão, e de ter saboreado o gosto da pai-

xão nos lábios e corpo da mulher amada renunciar a tudo...era muito mais difícil do que antes!

Passados alguns dias, Wilhelm entrou repentinamente na velha casa com os olhos brilhantes e disse:

- Edeltraud, achei uma solução para nós!

Wilhelm não se continha e contou à cunhada sobre a imigração, assunto que grassava como praga entre os alemães, surgindo com a grande solução para a fome e miséria que haviam se espalhado por toda a Europa, principalmente entre os ducados, condados e cidades estado alemãs.

- Milhares de conterrâneos estão imigrando todos os meses, e muitas famílias recebem notícias alvissareiras, de riquezas e prosperidade nestas novas terras. Pode ser a solução para nós! Partimos e ninguém lá vai nos conhecer! Podemos recomeçar a nossa vida, juntos finalmente, e sem enfrentar a condenação de todos...O que achas?

Edeltraud hesitou. Amava tanto o seu pedaço de terra...Sabia há muito que famílias inteiras estavam emigrando, e tinha se acostumado e vê-los como uns pobres coitados, a quem não restava outra saída. Ela estivera protegida pela certeza de que nunca precisaria disto. Possuía a sua propriedade, da qual era dona absoluta agora que Bertold se fora. A terra lhe garantia, bem como aos filhos, a subsistência necessária. Colhiam milho, trigo e cevada, além da criação de animais diversos que rendiam carne, ovos, leite e derivados.

Havia também as frutas, verduras, nozes e ervas diversas. Enfim, o necessário para viver bem, sem se preocupar com o futuro. Viviam de maneira simples, é claro, e dinheiro vivo era mercadoria rara em suas mãos, mas a vida era tranqüila e fluía como as águas cristalinas do regato que atravessava a propriedade. A casa era velha e há muito perdera a cor original, ostentando paredes pardacentas e carcomidas, onde a hera verde escura grassava, subindo até o teto, mas aconchegava os moradores nas noites de frio, abrigando-os da intempérie. Lá não havia desconhecido, insegurança, medo. Tudo era conhecido, familiar, seguro e calmo. Como renunciar a tudo isto e trocar as certezas desta vida pelo mundo desconhecido e amedrontador que havia lá fora?

Os olhos azuis de Edeltraud expressavam esta guerrilha interior que seus pensamentos travavam, sem chegar a nenhuma conclusão. Wilhelm olhava-a com ansiedade, esperando pela sua resposta.

- Mas Wilhelm, você já buscou mais informações? Sabe como tudo funciona? Para onde poderemos ir e o que fazer com esta propriedade? Eu nem imagino como dever ser viver longe daqui...Seus olhos se alongaram para fora da janela, mirando a paisagem familiar. Conhecia cada planta, cada árvore e cada flor do seu jardim. Sabia exatamente onde buscar uma erva para um remédio caseiro que fosse necessário no trato diário com as crianças e a criação, conhecia cada galho novo que brotava nas macieiras e pereiras do pomar, enfim, eram seus referenciais inquestionáveis. Perdê-los parecia

impensável, um desafio invencível para ela. Wilhelm leu toda a dúvida e medo que havia em seus olhos e em seu coração e, chegando perto dela, como que sacudiu-a pelos ombros, embora o gesto fosse suave.

- Edeltraud, para nós não há outra saída...ou tu abres mão de uma coisa, ou de outra! Jamais poderemos ser felizes juntos aqui!

Edeltraud abriu desmesuradamente os olhos e, encarando-o, percebeu que ele falava a verdade. Mais uma vez o ponderado Wilhelm tinha razão. Sem renúncias ela não passaria. De qualquer forma, mesmo que nada fizesse, já estaria renunciando. Sempre haveria uma trilha de sofrimento em sua vida, qualquer que fosse a sua decisão. Se decidisse ficar, ou perderia o único homem que amara, ou estaria condenada a viver ao lado dele, desejando-o sem poder tê-lo. Se decidisse partir, todos os seus referenciais teriam que ser abandonados, e havia todo um mundo desconhecido a enfrentar. A perspectiva assustava-a, mas não havia como recuar.

Passou dias e dias ponderando sobre a sua vida, olhando com desmesurada ternura para os filhos que nem suspeitavam do dilema que corroía a mãe por dentro e alongando a vista pelos campos do condado, que não imaginava amar tanto. Por mais que pensasse e ponderasse, não conseguia dizer um sim definitivo para Wilhelm. Ele rondava a casa e Edeltraud, olhando-a de forma soturna, esperando pelo seu consentimento, mas Edeltraud hesitava.

Caminhando pelas estradinhas poeirentas que cortavam infindáveis campos de centeio já maduro, mirando a crista prateada das montanhas ao longe ou simplesmente recolhendo na concha das mãos um pouco de água cristalina do regato que margeava os caminhos e murmurava alegremente, Edeltraud tentava imaginar sua vida longe de tudo aquilo e não conseguia. O coração se confrangia, apertava no peito até doer, mas a solução não chegava. À noite, deitada na imensa cama de casal que agora tinha só para si, olhava para o teto escuro onde manchas imprecisas desenhavam a parca luz que se infiltrava pela janela e, ainda assim, não conseguia decidir.

Wilhelm finalmente cansou e, um pouco zangado, disse-lhe:

- Edeltraud, vou-me embora mesmo que tu não vás! Assim não dá para conviver mais. Não suporto ver-te, e não poder estar ao teu lado em todas as horas e da forma que eu quiser, sem temer a condenação da sociedade...!

E dizendo isto, agarrou-a com força e deu-lhe um abraço apertado, beijando-a depois com uma volúpia desesperada. Em seguida soltou-a abruptamente, fazendo com que quase caísse ao chão, e sem mais um olhar, foi embora. Edeltraud viu sua imagem projetada nas sombras do chão e, repentinamente, percebeu que não podia mais fugir da sua decisão: era necessário resolver agora e a idéia de viver sem ele lhe parecia intolerável. Então correu ao seu encalço e, enlaçando-o pela cintura, disse-lhe:

- Desculpa minha indecisão. Eu vou contigo, na hora em que quiseres!

Wilhelm tomou-a nos braços e, sem muitos cuidados, abraçou-a forte, levando-a para dentro de casa, a fim de traçarem seus planos de ação.

Tudo combinado, Wilhelm trouxe um interessado na compra da propriedade. Terras à venda eram raras naquela época, e ainda mais terras tão boas, férteis e produtivas. A negociação foi relativamente rápida, e muito antes do que ela pudesse estar preparada, teve que aprontar tudo para desocupar a velha casa que era todo o seu universo. Embrulhando velhas louças que eram lembrança de família, quadrinhos que retratavam, de maneira apagada e imprecisa, os seus ancestrais em trajes e com expressões sisudas, Edeltraud foi revivendo toda a sua trajetória. Quanto mais as lembranças assomavam, indomáveis, mais dor e medo de alojavam em seu coração.

À noite, Wilhelm veio vê-la e trazer a documentação necessária para a partida. No dia seguinte, seguiriam em segredo para Hamburgo, onde tomariam o navio que os levaria para a América. Quando a família e amigos dessem pelo acontecido, já deveriam estar em alto mar, rumo ao novo e desconhecido mundo que os aguardava tão longe, que era difícil para ela tecer uma idéia sequer de onde iriam morar, e como iriam viver.

A partida, na ainda escura madrugada, foi tristonha e soturna. As crianças, sonolentas, olhavam de maneira interrogativa para mãe e o tio, sem entender porque viajavam daquela maneira furtiva e inesperada. Edeltraud nada disse, pois as palavras ficaram represadas na garganta tesa de dor e medo, e a carruagem seguiu sacolejando pelas estradas poeirentas do condado. Já o sol ia alto no céu quando atingiram uma pequena e sonolenta vila, e a carruagem parou diante de uma estalagem, para que tomassem um refresco e descansassem um pouco. Um tropel assustou a todos e um rapaz jovem e com ar assustado entrou atabalhoadamente na sala, dirigindo-se logo a Wilhelm:

- Wilhelm, tens que voltar! Teu pai acaba de falecer, logo após ler a tua carta de despedida. Teve uma apoplexia e caiu durinho no chão, sem nem mais uma palavra. Tua mãe e irmãs choram sem parar, e ninguém sabe o que fazer...!

Susto, dor, medo e culpa se esboçaram no rosto jovem de Wilhelm, cujos olhos expressavam o caudal de dúvidas que o tomava. Edeltraud fez menção de arrumar as coisas para voltar, mas Wilhelm fez-lhe ver que não podiam recuar agora. Se voltassem juntos, seus planos seriam revelados e seu segredo cairia por terra. Então a vergonha, acrescida da culpa pela morte do pai cairiam sobre eles como um veludo negro, excluindo de sua vidas toda a chance de alegria e amor.

- Não, Edeltraud, debes ir e tomar o navio! Eu dou um jeito de te encontrarperto da hora do embarque, e partimos juntos como sempre planejamos. Vai, minha amada, e espera por mim!

Embora apavorada com esta perspectiva, Edeltraud não divisou outra saída. Como voltar e enfrentar a condenação de todos? E aonde morar com quatro filhos pequenos e cheios de necessidades prementes? Dependeria da caridade alheia, que viria cheia de censuras e asco...não, isto ela não poderia enfrentar, ou fazer com que os filhos enfrentassem. O melhor era ir em frente, e esperar que Deus, enfim, abençoasse a sua decisão.

O restante da viagem foi totalmente desprovido de encantos. Se antes já estava apreensiva, agora Edeltraud tinha que manter o pânico, que aflorava a cada instante, sob uma capa tênue de controle. Não viu os campos dourados, não observou os jovens cantando na lida colheita, não admirou os tordos que pousavam, atrevidos, nos galhos mais baixos do carvalhos e trinavam alegremente. Olhava rígida e reta para a frente, com os olhos concentrados na cortina do coche, que estava desbotada e esgarçada pela ação do tempo. Não viu os arrabaldes de Hamburgo, as construções imponentes que, com tijolos e madeira erigiam dois e até três andares. Só atreveu-se a olhar para fora quando chegaram ao tímido hotelzinho onde ficariam hospedados até o dia seguinte, quando aconteceria o embarque. O cocheiro, depois de combinar o horário em que viria buscá-los, no dia seguinte, retirou-se com um ar desrespeitoso que desagradou Edeltraud. Depois de acomodados os filhos, Edeltraud encostou-se a janela e, alongando a vista para o porto, e o imenso mar azul, analisou os intensos acontecimentos que haviam sacudido a

sua vida em tão pouco tempo. Estava assustada, apavorada mesmo. Mas não havia o que fazer. Voltar atrás era impossível, para ela não havia retorno possível e o melhor era procurar usufruir o que de melhor a vida poderia lhe trazer. Mais uma vez sufocou o pranto, dominou o pânico e tentou dormir. Acordou encharcada de suor depois de algumas horas, com um sobressalto agudo de susto e medo. Sonhara que estava sozinha no navio, singrando os mares sem saber para onde ia...! Sacudiu a cabeça e, umedecendo as têmporas procurou desfazer esta imagem da mente. O dia ia amanhecendo lenta e inexoravelmente, e a primeira claridade incidia sobre as pobres cortinas do aposento, tornando-o gradualmente claro e amarelado de sol. Edeltraud levantou, arranjou tudo com rapidez e ânsia, e algumas horas depois já estava no navio, apoiada na amurada, esperando Wilhelm. Ainda faltavam algumas horas para a partida, e só a batida descompassada de seu coração denunciava sua ansiedade. Por fora, parecia gelada e controlada, como convinha a uma equilibrada mulher alemã. As crianças, encantadas com a novidade, corriam por entre montes de corda e pilhas de velas, causando uma despreocupada irritação aos marinheiros, que preparavam o navio para a partida. Outras pessoas vinham chegando, todos com expressão assustada e expectante, o que parecia indicar que estavam embarcando da mesma forma que ela, o que de certa forma a tranquilizava.

As horas foram passando, e nada de Wilhelm. O desespero foi subindo pela garganta de Edeltraud, garroteando-lhe

a nuca e sufocando sua respiração, de tal forma que arfava assustadoramente e não conseguia pronunciar palavra. Lembrou-se incontáveis vezes de seu sonho, que agora lhe parecia um aviso, e só lhe restava erguer os olhos para o céu, numa prece muda e desesperada, um pedido de ajuda. Não se atrevia a rezar, não se achava merecedora, e um turbilhão de emoções contraditórias avassalava-lhe a mente.

Não havia chutado o cadáver quente de Bertold, num gesto de ira e desprezo? Quase não cuspira nele, sentindo-se tomada de imensa alegria por sua morte prematura? Não havia se jogado nos braços do cunhado naquela mesma noite, ignorando a viuvez recente e esquecendo a decência que tanto aprendera na doutrina dos domingos?

Agora aí estava a sua paga! Sozinha e desesperada, precisava decidir o que fazer, que rumo tomar...!

As vozes avultaram a sua volta, ordens de comando foram dadas e em breves instantes ouviu a voz sonora do capitão anunciando a partida. Quis gritar, pedir que esperassem até que desembarcasse, ou que esperassem mais, mas nem um som sequer saiu da garganta cimentada pelo desespero. Virou-se para o cais e, vazia por dentro e por fora, viu pela última vez a sua terra natal sumir-se no véu de nuvens esgarçadas que encobriu tudo.

## **Cidade de Umbriglione, no Piemonte – Itália – 1925**

### **C A R M E L A**

Depois de mais um dia sem qualquer tipo de alimento, a família toda estava reunida em torno da panela de sopa rala e magra, feita com ervas colhidas nos montes, algumas batatas ressequidas e um pedaço de osso de cavalo, que a mãe conseguira depois de um dia lavando o chão no pequeno açougue de Umbriglione. O pai caminhara o dia inteiro, primeiro em busca de qualquer serviço no campo ou na cidade, e depois procurando caçar algum animal que servisse de alimento à família. Os meninos estavam cada vez mais magros e famintos, ostentando uma cor doentia e azulada nas faces encovadas. As meninas maiores, como Carmela e suas irmãs Lucia e Remiggia haviam batido de porta em porta o dia todo, mendigando por alimento ou algum serviço que lhes permitisse alguma remuneração, mas havia sido tudo em vão. Naquela região grassava a miséria e a desgraça campeava solta. Ninguém queria ajudar ninguém, e o pouco que se tinha era pre-

servado com unhas e dentes para a família de quem ainda tinha alguma esperança.

Havia algumas famílias abastadas, cujas posses haviam sido preservadas da pobreza que grassava, mas estas haviam posto guardas nos imponentes portões de ferro, soltado cães nas suas propriedades e se tornado inacessíveis aos pedidos dos pobres que peregrinavam pelas estradas poeirentas, magros até os ossos, cobertos de andrajos através dos quais se via a pele suja e encardida pela falta de banho e asseio. As colheres retiniam no fundo liso dos pratos de estanho, buscando obter mais alguma força daquele magro alimento, enquanto os olhos corriam desesperados em redor, buscando alento àquela situação.

Carmela atirou-se sobre uma pilha de caixas e trouxas que já estava preparada para a partida da família, no dia seguinte. Iriam a pé até o porto de Nápoles e dali, partiriam de navio até um lugar longínquo que habitava, havia dias, a imaginação de todos.

- Como é mesmo o nome daquela terra para a qual vamos, *papa*?
- Não sei pronunciar direito, acho que é *Brézil*... Mas dizem que a fartura lá é muita, tem muita terra e riqueza esperando quem queira trabalhar!

Carmela recostou-se na bagagem mal ajambrada da família e, fechando os olhos, deixou a mente divagar. Não con-

seguia lembrar nada da sua vida que não estivesse relacionado com fome e angústia, humilhação e miséria, mas sabia que bem antigamente a sua família tivera fartura e honra. Fazia força para lembrar destes tempos, nos quais vestia roupas decentes e tinha comida na mesa todos os dias, mas só conseguia visualizar as estradas poeirentas, as pernas cansadas de andar em busca de alimento e o estômago roncando, vazio e dolorido. Esta foi ainda a última sensação presente antes que dormisse, num sono agitado e sonhos.

Ao cantar do galo, todos se levantaram e começaram a se movimentar sem que fosse necessária alguma palavra. Quando o sol finalmente surgiu, triunfante de trás da crista dos montes azulados, a família há muito se perdera na poeira da estrada. Na casa desolada, uma porta batia ao vento e um cachorro lamentava a solidão e fome com as quais ficara, uivando para a poeira do caminho. Só pararam quando o sol a pino obrigou-os a buscar uma sombra. A paisagem se modificava, dando os primeiros prenúncios da proximidade do mar. Para trás haviam deixado uma terra agreste, escarpada e de difícil relevo e cada vez mais campos se desenrolavam diante deles, emprestando um ar dourado ao horizonte. Uma brisa suave soprava seus cabelos, suavizando o calor abafado daquela hora do dia. Enquanto sentava sob a sombra de um imenso carvalho perdido em meio a planície, Carmela viu que Giuseppe, seu irmão menor, surgia triunfante por trás de algumas moitas com as mãos cheias de frutinhas vermelhas, cujo sumo lhe escorria como sangue entre os dedos.

Todos comeram com voracidade, sem perguntar o que era. Com a fome que estavam, qualquer coisa seria melhor do que o vazio dolorido dos seus estômagos. A mãe já avisara que a magra ração que possuíam só seria preparada e ingerida à noite, antes do descanso. No entanto aquela noite não foi preciso preparar nada. Transidos de dor causada pelas frutas inadequadas ao consumo, todos amontoaram-se sob alguns arbustos e dormiram um sono angustiado e dolorido.

Carmela acordou, na manhã seguinte, com um sol aconchegante brincando em suas tranças grossas. Um aroma inconfundível de chá e pão assando chegou às suas narinas e, feliz, abriu os olhos para ver a mãe assando uma massa amarela e informe sobre uma pedra que catara ali perto. Ao lado, uma chaleira exalava o vapor do chá quente prometendo alento ao estômago cansado da família. Foi uma refeição revigorante e logo todos estavam de novo em marcha, buscando seu destino sem saber direito o que os esperava.

Depois de alguns dias de caminhada, os pés dos irmãos de Carmela estavam em chagas, e eles caminhavam chorando e resmungando, prometendo desistir a qualquer momento. Foi preciso que o pai ameaçasse com o cinto em riste para que calassem a boca e continuassem caminhando, embora um rastro de sangue ficasse pelo caminho, no meio do pó. Uma desesperança tomou conta de todos, como se não houvesse destino a alcançar e nada de bom nunca fosse acontecer.

- Nós vamos chegar, e embarcar naquele navio para o *Brézil!*  
– dizia a mãe de Carmela incansavelmente, repetindo este bordão para si mesma, como se precisasse se convencer disto mais do que ninguém.

Foi num final luminoso de tarde que avistaram, pela primeira vez, o mar! Carmela maravilhou-se e, com os olhos desmesuradamente abertos, mirou aquela imensidão de água azul escura, agitando-se ao vento...Não havia o que dizer! Era simplesmente magnífico!

Que encantamento todos sentiram, com tamanha imensidão azul que não cabia toda nos olhos! O manto de safira brilhante terminava num rendilhado branco e fino, que vinha morrer na areia amarelo-dourada da praia. Gai-votas soberbas o sobrevoavam como que a lhe render a maior das homenagens!

A imagem permaneceu diante dos seus olhos mesmo depois que a espessa vegetação da estrada encobriu a inspiradora visão.

Aquela noite pareceu interminável para Carmela, com o concerto onipresente dos mosquitos e a intrigante escuridão envolvendo-a toda e preenchendo seus espaços negros com vultos e fantasmas assustadores. Estava ansiosa para experimentar o mar mais de perto, sentir sua textura, sua temperatura.

No dia seguinte, depois de uma improvisada refeição, dirigiram-se para o porto. Carmela foi na frente e afastou-se do grupo familiar, chegando até a praia. A água gelada tocou seus pés, foi envolvida pelo bramido de suas ondas e pelo cheiro agreste da maresia.....que emoção sentiu então! Ele era imenso, azulado, brilhante, envolvente....não lhe inspirou nenhum medo, e foi entrando na água como quem se envolve numa imensa cobertura. Sem se importar com as roupas já um tanto maltrapilhas, Carmela sentou-se bem na beira mar, onde as ondas mais mansas vinham morrer e ficou batendo os pés naquela maciez. Eles afundaram naquela coisa mole e cinzenta – a lama de areia! Brincou como uma criança e atraiu para perto de si os irmãos e a curiosidade de alguns transeuntes com a sua atitude de entrega e prazer genuínos. Mas logo o pai os chamou e tiveram que voltar à realidade.

- Nossas passagens são de terceira classe, e isto significa que teremos que trabalhar no navio, durante a viagem, para ajudar a pagar a diferença. O encarregado quer saber que tarefas podemos executar... - Ainda esta! Era inacreditável! Carmela lembrava quando as últimas e poucas economias da família tinham sido levadas para a compra das passagens, com a promessa de que fariam uma boa viagem!

Mas não havia o que fazer, e logo todos estavam escalados em diversas tarefas. Carmela iria arrumar as camas e fazer a limpeza do camarotes destinados aos passageiros mais abastados, que podiam pagar por todo aquele conforto e as-

seio. Seus irmãos trabalhariam no convés, na limpeza a manutenção do navio, e as irmãs e a mãe ficariam ajudando na cozinha. A pior tarefa coubera ao pai, que trabalharia na caldeira que ficava no porão, em meio a um calor infernal. Mas pelo menos haveria refeições diárias, e uma enxerga onde repousar o corpo cansado e dormir, depois de todas as tarefas cumpridas. E também haveria o *Brézil*, que os esperava como um sonho dourado de fartura e prosperidade. Carmela sonhava e imaginava as imensas plantações de café nas quais iriam trabalhar. O agente que lhes vendera a passagem garantia que estavam sendo esperados:

- A mão de obra italiana é muito valorizada no país. Eles sabem que nós trabalhamos duro e que temos fibra. É só chegar no porto e dizer que quer ir para uma fazenda de café, e vão chover propostas para vocês. Podem escolher a que mais lhes aprouver!

E era esta a esperança que os movia, empurrava para a frente sem que desvanecessem, embora as dificuldades fossem cada vez maiores.

A viagem no vapor durou trinta e três dias, nos quais a família trabalhou incansavelmente, mesmo que alguns membros tivessem enjoado terrivelmente e mal se pudessem manter de pé depois de alguns dias. Carmela lamentava pelo pobre Antonnio, seu irmão de apenas onze anos. Vomitava absolutamente tudo o que comia, arrojando seus arrancos pela amurada do navio, segurando ainda nas mãos o escovão com

o qual limpava o convés. Era necessário fazer isto furtivamente, sem que o encarregado desse com a coisa, senão ainda apanhava alguns fortes cascudos nas costas e cabeça. Estava cada dia mais magro e pálido, e mal se mantinha de pé. Carmela queria fazer algo por ele, mas não sabia como agir. Eram todos tão severos, sempre voltados para suas tarefas, nem olhavam para os serviçais, era como se não existissem. Pensava em falar com o encarregado, mas faltava-lhe coragem. À noite ouvia o irmão tossir, gemer e tremer na cama, e sabia que ele estava cada dia pior, mas parecia que os outros não viam, ou não se importavam com aquilo...!

- Remiggia, estás ouvindo o Antonnio? Ele está muito mal, temos que fazeralgo por ele!?!
- Dorme, Carmela, dorme, que amanhã o dia será árduo novamente. Eles não querem saber se nosso irmão está doente, vão exigir que trabalhemos igual. Isto passa, é só um achaque de menino mimado...sabes que ele sempre foi assim!
- Como é que alguém de uma família tão pobre pode ser mimado...! Carmela indignava-se com o comentário da irmã, mas nenhum outro som fez eco as suas reclamações. Logo adormeceu também, ao som da respiração compassada das irmãs. Na madrugada fria, Carmela despertou de súbito e, num impulso quase mecânico, olhou para a cama do pequeno Antônno. No meio das roupas remexidas pelo sono agitado, esperava ver seu corpinho magro e trêmulo, mas a cama estava vazia. Preocupada, Carmela envolveu-se num fino cobertor e saiu furtivamente do porão infecto

e abafado onde dormiam. Só depois de uns bons dez minutos de procura deu com o irmão, debilmente encostado a amurada do navio, arquejando como se cada hausto de ar que buscasse fosse muito difícil.

- Antônio, o que tens? Porque estás te expondo ao frio da noite desta maneira? Já estás tão fraco e....suas palavras morreram ao perceber que o irmão vinha tentando escalar a amurada para se atirar, e só não o fizera por lhe faltarem as forças.
- Antônio, que pretendias fazer? – Perguntou com severidade, puxando-o quase com violência. Em seguida abraçou-o e, beijando-lhe a testa com sofreguidão, foi procurando consolá-lo com palavras meigas.
- Como pudeste pensar em fazer isto? Queres matar o *papa* e *mama* de tristeza?
- Qual tristeza que nada! Todos me olham como se esperassem que eu morresse logo para ser um peso a menos na família. Só tu és diferente, Carmela!
- Não digas isto, meu irmão! Estamos todos cansados, exaustos e mal alimentados, mas nosso calvário está no fim! Logo chegaremos ao *Brézil* e lá vamos enriquecer, e nunca mais vai nos faltar comida e trabalho!
- Eu sei que nunca vou chegar neste lugar. Minha vida está no fim, eu sinto...- sua voz perdeu-se no vento como um fio que oscila na tempestade e desaparece, e os olhos fundos demonstraram uma tristeza antiga e sem esperança. Carmela sacudiu o irmão e, dizendo-lhe palavras de ânimo, foi levando-o, quase arrastado, de volta para a cama.

Depois de ajudá-lo a deitar e envolvê-lo bem nos cobertores até que seus tremores passaram, esperou-o dormir e saiu, sorratamente do porão. Voltou a encostar-se na amurada do navio e ficou-se, olhando as estrelas contemplativa. Em sua mente, buscava uma solução para a doença do irmão que, além de lhe minar o corpo, corroía também a alma.

Não se apercebeu que alguém se aproximava e teve um sobressalto quando um dos encarregados, homem grande e brutalhado, aproximou-se dela e perguntou em tom insinuante:

- Mas o que é que a bela mocinha faz aqui a esta hora? Quem sabe um encontro furtivo com algum namorado...!
- Não é nada disto! O meu irmão não está nada bem, e levantou da cama. Acho que ele queria....

Carmela calou-se, constatando que nada do que ela dissesse faria sentido para o homem. Ele demonstrava um único e claro interesse, e olhava para ela com olhos chamejantes e devoradores. Carmela sentiu-se desnuda diante daquele olhar descarado, quase óbvio, mas de repente lhe veio uma idéia. E se este homem pudesse ajudar? Quem sabe não conseguiria para o irmão um leito na enfermaria do navio, com bons remédios, alimentação adequada e cuidados médicos? Pelo seu irmão querido faria qualquer sacrifício...! E logo estariam chegando ao *Brézil*, e não haveria mais sofrimento de tipo algum. Ela bem que podia fazer este sacrifício pelo irmão...

Olhou de lado e soltou um sorriso enviesado, cheio de intenções ocultas para o homenzarrão. Seus olhos de fera brilharam e, demonstrando uma total compreensão pela linguagem cifrada que ali fora emitida, agarrou Carmela sem nenhum requinte, metendo as mãos abrutalhadas pelo trabalho dentro do seu decote, fazendo saltar o seio branco e leitoso à luz da lua. Carmela estremeceu e apenas suspirou, mas estes gestos foram mal interpretados pelo brutamontes.

- Está que não se agüenta de vontade, potranca? Já vou te dar o que desejas!

E com igual brutalidade levantou seu vestido, penetrando-a sem nenhuma delicadeza. Sua fome era tanta que nem deve ter percebido a virgindade da jovem, louco que estava para consumir seu desejo. Com apenas alguns movimentos chegou ao clímax e virou-se de lado, encostando-se sem fôlego na amurada do navio. Depois virou-se para ela e sem nenhuma doçura falou:

- Te espero amanhã aqui, nesta mesma hora. E agora não vai dar para trás, senão te entrego ao capitão. Deves saber que isto é proibido num navio, não é mesmo? Com uma risadinha cínica, deu as costas para a trêmula italiana e sumiu na escuridão.

Carmela ainda esboçou um gesto com a mão, procurando retê-lo, mas era tarde demais.

- Amanhã eu falo com ele, e resolvo a situação do Antônnio!
- repetiu para si mesma controlando alguns soluços

involuntários que teimavam em aflorar no peito arfante. Parecia-lhe incrível que entregara assim a sua pureza virginal, e tudo aquilo que vinha resguardando para um amor que só existia em seus sonhos tivesse evaporado tão rápido, em apenas alguns instantes angustiantes.

Só havia dado alguns passos quando divisou um vulto encolhido, que se sacudia em soluços. Era Antônnio, que viratudo e a olhava com um ar boquiaberto, oscilando entre a revolta e o nojo. Não deixou que Carmela o tocasse e, sem mais uma palavra, voltou para a cama de trapos que o esperava fria e úmida.

O dia seguinte pareceu interminável para Carmela. Seu corpo estava dolorido e era, de quando em quando, sacudido por alguns tremores inexplicáveis. Todos notaram que estava abalada, mas ninguém disse nada. Cada qual tinha que se concentrar nas suas tarefas, procurando sobreviver ao longo do imenso e estafante dia até o anoitecer, quando chegava o merecido descanso. Carmela ansiava por desfazer o mal entendido. Não queria que ninguém ficasse pensando que era uma cadela no cio, nem mesmo aquele brutamontes que usufruía do seu corpo sem nenhum respeito.

No frio da noite, aguardou trêmula enquanto o tempo passava vagaroso, até ouvi-lo chegar sem cuidados.

- Ahá! A bela italianinha nem pode esperar pela hora certa para saciar sua fome, hem?!?

Ele já ia agarrando-a pelo braço, mas desta vez ela foi mais rápida e afastou-o, dizendo com rudeza:

- Não é nada do que tu estás pensando! Eu quero é ajudar meu irmão! -

E com poucas palavras contou a situação da família e do irmão, terminando com o pedido que tinha pretendido fazer no dia anterior, antes de ser colhida com tanta rudeza por ele. O encarregado olhou-a por entre as espessas sobrancelhas, demonstrando toda a dúvida que lhe ia na mente. Depois de alguma relutância, respondeu:

- Tudo bem, eu posso ajudar o teu irmão. Não custa nada fazer um favor para a minha bela italianinha, mas vais ter que continuar a vir aqui todas as noites para saciar-me, e não se fala mais nisto. Com estas palavras e alguns movimentos rudes, consumou novamente seu desejo enquanto as lágrimas rolavam silentes e amargas dos olhos de Carmela.

No dia seguinte, Antônio foi levado para a enfermaria e a última coisa que Carmela viu foram seus olhos raivosos e amargos olhando-a em tom de desafio. A família encarou a novidade com a indiferença embrutecida que só a fome, a pobreza e a desgraça dão aos indivíduos, e seguiu sua rotina diária como se nada de grave tivesse acontecido. Carmela não os viu conjeturar sobre as razões que haviam levado os superiores a tomar tal atitude, tão inesperada no que se refere a pessoas tão insignificantes quanto eles. Naquela noite Carmela

jazeu insone e desesperada sobre a cama. Faltava-lhe coragem para deixar-se emporcalhar novamente pelo asqueroso homenzarrão, mas tinha dúvidas sobre os cuidados ao seu irmão se não fosse. Será que eles suspenderiam o tratamento e o devolveriam àquela ratoeira imunda se ela não aparecesse? Ou agora que já haviam constatado a gravidade do seu caso, não deixariam mais que saísse de sob cuidados médicos? Roeu-se em dúvidas durante toda a noite, rolando na cama e apertando o velho cobertor entre os dedos, sem encontrar uma resposta ao seu problema. Às primeiras horas da madrugada, levantou-se e rumou para as suas tarefas como um autômato, esperando a qualquer momento ser apontada, condenada, denunciada por mil olhos acusadores. Passou o dia em sobressaltos, mas foi só ao anoitecer que, de súbito e como que saindo do nada, o encarregado apareceu. Trazia Antônnio arrastado pela manga da camisa imunda, e ele parecia ainda mais pálido e desfeito do que nunca.

- Então a italianinha imaginou que podia se safar? Que era só colocar o vermezinho na enfermaria e não precisava mais cumprir o trato? Comigo não tem disto não, madame! Vai fazer o que prometeu, mesmo que este fedelho morra...! E tratou de agarrar Carmela de qualquer jeito, parecendo que ia estuprá-la ali mesmo, e plena luz do dia. Carmela involuntariamente gritou e socou o peito do encarregado, dando um passo para trás e se encostando na amurada do navio. Ele soltou Antônnio, que caiu para trás com a rudeza do gesto, e dirigiu-se para ela, com voz irada:

- Não se iluda, italianinha! Se pensas que no tal de *Brézil* – como vocês o chamam – a coisa vai ser diferente, estás muito enganada. Lá já estão saturados de italianos, e acham eles uma verdadeira praga. Também já não há mais empregos e multidões peregrinam pelas ruas em busca de alimentos, tal como na tua Itália...O que vai te valer lá é este corpinho bonitinho que Deus te deu. Aprende aqui comigo e não vais passar fome quando chegares lá!

Enquanto Carmela olhava com um ar desesperado para o homenzarrão, um soluço e um movimentos atrás deles chamou-lhes a atenção. Foi o tempo de virarem e ainda viram quando Antônnio arrojou-se pela amurada e flanou durante alguns segundos no espaço, caindo depois no mar e sumindo em segundos.

Carmela gritou. De forma aguda soltou um grito gutural, animal, quase ancestral. A dor materializava-se toda naquele grito agudo, revoltado, incrédulo. Chamou durante alguns segundos, sacudindo as mãos no ar:

- Antônnio, Antônnio...volta aqui meu irmão querido...! Nós vamos vencer lá no...

Sua voz se perdeu, junto com as últimas esperanças. Olhando para o encarregado que permanecia ao lado dela, com um ar que oscilava entre a mofa e a irritação, pulou com agilidade e saltou também para um mergulho eterno nas águas

cinza chumbo, num encontro com o irmão e com os sonhos que não realizaria nesta vida.

**Cidade de Shonagom, na Província de Meighu –  
Japão – 1234**

**S I N    S H O N I O M**

Maravilhada com a beleza e vigor das camélias brancas que invadiam o jardim, Sin Shoniom colheu um buquê e correu pressurosa para a sala da casa, onde foi arranjando as flores com delicadeza num recipiente de cerâmica negra e reluzente. Com arte foi dispendo as flores, intercalando com galhos do pessegueiro que também estava florido, alguns ciprestes e outros galhos sem flores, compondo um arranjo floral de harmonia e beleza incomparáveis. Orgulhava-se de dominar muito bem, do alto dos seus quatorze anos, a milenar arte do ikebana, tradição que ia passando de mãe para filha através de milênios. Sua avó era reconhecida artista floral, e já havia até sido louvada pelo imperador, por causa da beleza e harmonia de seus arranjos. Ela sempre dizia que Sin Shoniom herdara a sua sutileza e gosto para dispor as plantas, até que

formassem uma composição totalmente nova, onde cada elemento era valorizado ao extremo. Outro motivo para a alegria dela era que esta habilidade contava muitos pontos na escolha anual das novas integrantes da Sonkaibuku, a milenar escola de gueixas para a qual Sin Shoniom almejava entrar. O que lá acontecia, o que aprendiam, era um segredo total, mas todas as jovens do interior almejavam tal honraria, e as famílias das poucas jovens escolhidas sentiam-se honradas pelo resto de suas vidas.

A candidata eleita era levada numa carruagem totalmente fechada para a cidade imperial, onde ficava a escola, e durante muitos anos a família não podia vê-la, nem ter com ela nenhum tipo de contato. Uma vez por ano os diretores da escola enviavam um pergaminho com o resultado do aproveitamento da jovem pupila, louvando-a pelos progressos ou criticando sua preguiça e inadequação se fosse o caso, mas isto era muito raro. O processo de seleção era rigoroso e as jovens escolhidas, as mais qualificadas de todo o reino. Estes documentos passavam de mão em mão, eram lidos, comentados e analisados pelos anciãos da família, e mais uma vez motivo de orgulho e homenagens aos pais da felizarda. Só depois de toda a educação completada, e aí já teriam se passado dez anos, a gueixa recebia autorização para visitar a família durante algum tempo. No entanto, sua obrigação era sempre voltar para a Sonkaibuku e continuar a executar as nobres e difíceis funções para as quais era treinada, até que se tornasse ela também uma professora da escola. As gueixas

continuavam morando na escola até a sua morte, e por isto as vagas eram tão poucas, e arduamente disputadas.

Sin Shoniom suspirou, passando a mão pelos cabelos lisos e negros como azeviche, que trazia arranjados com pentes de tartaruga e flores delicadas. Não sabia quando poderia chegar a comissão de avaliação, e passava os dias impecavelmente arrumada, quieta e perfumada como um lírio fresco, esperando ansiosa por aquele momento.

Seus pais haviam relutado em mandar a sua inscrição para a escola. Sin Shoniom só tinha irmãos, era a única filha mulher e seu pai adorava-a de uma maneira toda especial. Os avós também tinham um carinho quase reverente pela neta e a mãe sentia o rosto inchar de orgulho nas poucas vezes em que se apresentavam em público. É que Sin Shoniom era de uma beleza rara, inspirada e única. O rosto parecia esculpido em marfim, tamanha a perfeição e brancura da pele. O cabelo caía como uma negra cascata luminosa sobre as costas, e o corpo ostentava com perfeição quase exagerada as pesadas roupas cerimoniais japonesas, que nela pareciam leves como plumas. O sorriso era insinuante, quase inexistente, como deve ser o de uma verdadeira japonesa. Aliada a todos estes atributos físicos estava uma inteligência admirável e uma sagacidade quase masculina, diriam os mais velhos. Enfim, Sin Shoniom era uma verdadeira jóia rara, como o seu próprio nome dizia.

Ao cair daquela tarde, uma algazarra espalhou-se pela

vila sonolenta de Shonagom, na honorável província de Meighu, quando chegou a carruagem da Sonkaibuku. Os enormes cavalos negros dirigiram-se resolutamente para a propriedade dos pais de Sin Shoniom e estacaram na entrada do jardim, levantando uma nuvem de poeira. Ao lado do cocheiro ia sentado um homem sério e imponente cuja importância estava claramente estampada no cumprimento dos cabelos, que lhe chegavam às ilhargas. Ele saltou e, desenrolando um extenso pergaminho, leu em tom alto e importante:

- A jovem Sin Shoniom, filha de Ling Sun Mei Shoniom foi selecionada para a Sonkaibuku. Deve apresentar-se agora, para partir conosco imediatamente!

Um alvoroço excitado percorreu os presentes e vozes faziam-se ouvir, exaltando a sorte e felicidade da bela jovem, não sem destacar o merecimento dela.

- Se há alguém que merece esta honraria, este alguém é Sin Shoniom, com toda a sua beleza e inteligência...!

Sin Shoniom apareceu junto a cerca de bambu que circundava a propriedade do pai, e somente um leve rubor nas faces traía a excitação que sentia. De resto, estava impecavelmente composta, exatamente com estivera desde as primeiras horas da manhã, quando fizera a sua toalete. Os pais estavam ao seu lado, e traíam a felicidade e orgulho que aquele fato lhes trazia. Tão poucas jovens eram escolhidas, e Sin Shoniom estava entre elas!

Sem delongas, ela entrou na carruagem e sem nem olhar para trás, afastou-se para sempre da empoeirada e envelhecida Shonagom.

Após alguns instantes de viagem, atreveu-se a olhar para os lados e constatou que não estava só. Estirada meio de lado num dos assentos da suntuosa carruagem estava a mais linda e sofisticada mulher que já tivera a felicidade de ver. O quimono era todo rebordado com fios de ouro sobre uma paisagem rósea de por-do-sol e os cabelos estavam arranjados com uma arte e gosto como ela nunca vira. De repente sentiu-se tão simples e inadequada que baixou os olhos, envergonhada. A mulher, depois de avaliá-la por mais alguns instantes disse-lhe em tom quase casual:

- Não se sinta envergonhada, menina! A primeira coisa que você deve perder é a vergonha...Sabe, não entendo por que vocês, tão jovens e bonitinhas, podendo se casar com um garboso jovem de suas aldeias, escolhem um caminho tortuoso como a escola...Enfim, eu também já tive esta ilusão! – E dizendo isto deu de ombros como se nada mais tivesse importância.

Preocupada, Sin Shoniom olhou-a de lado, em dúvida sobre responder alguma coisa ou calar-se, para não irritar ainda mais a mulher. Não podia entender como alguém tão sofisticado e elegante podia invejar a sua juventude. Optando por calar-se, virou para o lado e em alguns instantes o balanço da carruagem fê-la adormecer.

Acordou de súbito, com um pulo e percebeu que a sua acompanhante sacudia-a de leve, enquanto dizia:

- Acorda, pequena avezinha! Já chegamos ao ninho de cobras que vai ser a tua casa de agora em diante!

– E com um sorriso debochado, conduziu Sin Shoniom para a grande construção diante da qual a carruagem parara. Eles já haviam entrado na grande propriedade da Sonkaibuku e só o que Sin Shoniom podia distinguir era o enorme e majestoso jardim que se desenrolava a partir de muros altíssimos e indevassáveis. Apesar da escuridão da noite, pode adivinhar a imponência da construção de três andares que se erguia sobranceira às margens de um plácido lago, artisticamente disposto em meio a harmonia do jardim. Cansada demais para fazer maior avaliação, Sin Shoniom deixou-se levar para um recinto no qual já havia outras quatro jovens tão assustadas quanto ela. Esteiras no chão pareciam indicar que, por aquela noite, nada mais aconteceria e o melhor que tinham a fazer era dormir. Depois de alguns momentos de apresentação e conversa, deitaram-se e, caladas como juncos n'água, dormiram um sono assustado e sem sonhos.

Sin Shoniom foi a primeira a acordar e perceber que mulheres caminhavam por entre elas, avaliando seus rostos e corpos como quem analisa melões na feira. Levantou-se e fez uma reverência, procurando mostrar toda a sua educação, mas uma mão rigorosa e dura estalou na sua face, cortante como um chicote:

- Quando eu quiser que se mexa, eu peço! Se eu não disser

nada, não se atreva a mexer um músculo! – a voz era dura, metálica e positivamente isto não era a recepção que ela esperara e pela qual sonhara tanto. Tentou falar, explicar a sua posição e intenção, mas foi empurrada e sua roupa totalmente rasgada. Logo estava nua, jazendo encolhida sobre a esteira fria, e suas companheiras estavam na mesma posição.

- A primeira coisa que vocês têm que aprender é a obediência cega! Gueixas obedecem sempre, sem questionar, e vocês estão aqui para se tornarem as melhores gueixas do país. A Sonkaibuku é a melhor escola de gueixas do Japão e vocês devem sempre se orgulhar de estarem aqui!

Colhidas por uma surpresa inesperada, chegaram a pensar que aquilo era uma brincadeira e que logo tudo se esclareceria, mas em seguida entraram mais mulheres e jarras de água fria foram arrojadas sobre elas, sem dó nem piedade. Com os corpos molhados, sentiram ainda com mais força e dor as vergastadas disparadas por chicotes que apareceram nas mãos das mulheres que as tinham estado avaliando. Logo todas tinham o corpo marcado e alguns fios de sangue afloravam na pele branca e fina. Aturdidas e cada vez com mais medo, não tiveram coragem de questionar mais nada. As que haviam balbuciado alguma coisa tinham apanhado muito mais do que as caladas, e foi um rápido aprendizado para elas. Ao longo de todo o dia foram pisoteadas, maltratadas e feridas, até que, ao final do dia, tudo o que lhes restou foi um silêncio aterrado e humilde. Passos no corredor fazi-

am-nas estremecer e encolher-se nas esteiras, sem erguer nem sequer as cabeças, embora a curiosidade as picasse. Nuas, friorentas e famintas até o extremo passaram os primeiros três dias naquele que haviam imaginado ser o seu paraíso sobre a terra.

Ao final do terceiro dia ouviram soar um gongo e, por entre os cabelos desgrenhados viram entrar na sala as suas acompanhantes. Cada qual percebeu que a mulher que viera com ela na carruagem estava agora ao seu lado e de alguma forma procuravam trazer-lhes algum conforto. O tratamento mais humano fez com que lágrimas aflorassem aos olhos feridos das assustadas jovens.

- Você deve me chamar de Mishiko, eu vou chamá-la de Shonagom, que é o nome de sua aldeia. É assim que nos conhecem aqui, pelos nomes das aldeias de onde viemos!  
– A mulher falava com Sin Shoniom e a sua voz revelava a pena que sentia, ao ver o estado da menina. – Vamos, pequena avezinha, eu vou te preparar para a iniciação!

Sin Shonagom tinha mil perguntas para fazer, pois as dúvidas atormentavam sua mente, mas o tratamento de choque recebido fizera o seu papel. Calou e deixou-se lavar, perfumar com óleo de menta e rosas e vestir uma túnica leve, quase etérea, sobre a pele nua e marcada pelas torturas. Enquanto a preparava, de vez em quando Mishiko abanava a cabeça, num gesto de pena e desconsolo. Toda aquela aparente indiferença era pura fleuma. No fundo Mishiko lamen-

tava a sorte da pequena Sin Shoniom.

Quando saiu do quarto onde estivera sendo preparada, Sin Shoniom admirou-se ao ver, perfiladas no longo corredor, dezenas de mulheres ricamente vestidas segurando enormes velas brancas rituais. Elas não pestanejavam e nem olhavam para quem passava a sua frente, parecendo estar em transe profundo. Sin Shoniom logo chegou a grande sala de rituais, onde centenas de velas brancas queimavam e tripódes espalhavam a fumaça olorosa do incenso de sândalo, causando uma leve tontura em quem entrava no recinto. Postados a um canto estavam quatro homens enormes completamente nus, e seus órgãos sexuais eram acintosamente estimulados pelas carícias de quatro jovens que sentavam-se humildes aos seus pés. As quatro noviças foram postadas diante deles e a matrona bruta que as surrara e maltratara tanto nos últimos dias entrou, dizendo de forma ríspida:

- Hoje começa a iniciação de vocês! Sejam absolutamente submissas a estes homens, não importa o que eles queiram. E eles vão querer o pior, pois são rudes carroceiros, que vem aqui nos prestar este favor! Por enquanto vocês são ralé, não servem para agradar homens de classe, devem sujeitar-se a estes carroceiros quantas vezes acharmos necessário. Depois de muito tempo e treinamento, quem sabe chegarão a merecer receber um homem melhor. Olhando-as de forma dura e inclemente, fez um gesto com a cabeça e saiu sem dizer mais nenhuma palavra. Nada na vida preparara Sin Shoniom para aquele terror

que parecia prestes a se consumir. Olhou para a frente e viu, por entre a fumaça, o brutamontes que se aproximava dela. Era peludo, disforme e fedía a cebolas curtidas, embora se notasse que havia passado um óleo barato no corpo com a tentativa de lhe conferir melhor odor. Trazia um pequeno pergaminho nas mãos e olhou para a jovem com ar lúbrico, perguntando:

- Como te chamas, garotinha?

Esperando despertar um pouco de compaixão, ela respondeu num fio de voz e com os olhos baixos:

- Meu nome é Sin Shoniom, senhor, porque o meu pai.... –

Não conseguiu terminar o que pretendia dizer. Uma bofetada derrubou-a ao chão, enquanto ele dizia em tom gutural:

- Aqui está escrito que te chamas Shonagom, mentirosa! E no que me diz respeito, não tens pai e nem família. És apenas um objeto para o meu prazer. E dizendo isto caiu sobre ela, rasgando-lhe a roupa e as entranhas com uma brutalidade inqualificável. Espetáculo igualmente dantesco aconteceu com suas três colegas, que foram estupradas e seviciadas sem a menor compaixão pelos brutamontes escolhidos a dedo para a tarefa. Depois de algumas horas de gozo, saíram rindo e conversando enquanto as quatro noivas jaziam no chão, numa poça de lágrimas e gosma.

Uma mulher mais velha aproximou-se de Sin Shoniom e perguntou, em tom de mofa:

- E agora, já sabes o teu nome, avezinha?
- Sim, meu nome é Shonagom... – balbuciou trêmula e com a consciência de que nunca mais seria a mesma.

## Vila de Nossa Senhora de Guadalupe – México – 1951

### G U A D A L U P E

A água fria e pura do riacho tinha sabor de mato, e Guadalupe tomou-a com gosto, aplacando a sede que o sol e o calor inclementes despertavam. Tinha estado abaixada durante horas, capinando a magra roça de milho, e agora sentia uma dor aguda na região lombar. Esticou-se toda, alisando em seguida o pobre vestidinho de chita e olhando para a imensidão azul do céu que se alongava infinito, sem ostentar nem uma única nuvem. O suor corria pelo rosto e corpo, e esta seria mais uma noite de calor insuportável abafada na velha casinha onde se apertavam os onze membros da sua pobre família. Os irmãos e irmãs vinham chegando também, alguns da roça, outros da pequena aldeia próxima ou do campo, onde cada qual estivera procurando buscar a subsistência da família. Dom Augusto, o pai, chegava de carroça e na parte de trás do veículo Guadalupe notou que havia alguns

engradados de madeira rústica, marcados pela passagem do tempo e pelos maus tratos que haviam recebido. Guadalupe não entendeu a presença daqueles objetos na carroça da família, mas nada disse, esperando que o próprio pai quisesse falar do assunto. Ele parecia cansado e sem ânimo, e desencilhou os cavalos com uma morosidade anormal num homem tão vivaz quanto era. Em seguida levou-os calmamente até a beira do riacho e deixou-os beber água a vontade, enquanto seu olhar divagava pelo céu de fim de tarde.

A fumaça do pequeno chaminé começou a se espalhar pelo ambiente, projetando sombras e aromas em volta deles e exercendo um poder de atração em todos os membros da família. Mais do que a promessa de comida, era a rotina do anoitecer que atraía as pessoas para dentro da tosca cabana que lhes servia de lar. Guadalupe aproveitou os últimos alcores do sol para lavar-se à luz avermelhada do crepúsculo. Removeu com cuidado a terra que se alojara debaixo das unhas e juntos as dobras das mãos calosas, e lavou o rosto, sentindo um hausto de vida e frescor. Depois lavou os pés e pernas e rumou para a casa, a fim de ajudar a mãe na lidas caseiras. Sua irmã Rosália já estava junto ao fogão, mexendo com uma imensa colher de pau um angu amarelado que desprendia um forte odor de milho embolorado, e a mãe cortava algumas folhas verdes em grandes nacos para em seguida cobri-las com o caldo extraído de alguns mirrados limões.

Erasmus e Rodolfo, os dois irmãos mais velhos depois

dela, que era a primeira filha da casa, jaziam estirados próximos à tosca abertura que fazia as vezes de janela e abanavam exaustivamente a nuvem de moscas que insistia em entrar na choupana e pousar em tudo o que havia ali. Uma pilha de pratos de rude cerâmica e canecas desbeijadas jaziam sobre a mesa, como se estivessem esperando os alimentos que viriam. Os bebês pequenos estavam deitados em um cercadinho improvisado junto ao chão e choramingavam agarrando os próprios pés, de maneira algo irritada. De quando em vez a mãe olhava para eles com um olhar severo, quase tenso, e eles imediatamente se calavam, para logo em seguida recommear a cantilena eterna. Traziam apenas alguns panos encardidos enrolados nas pernas e barriga, de maneira tosca e improvisada, e as perninhas gordas e morenas agitavam-se no ar, tentando expulsar as moscas que teimavam em pousar sobre elas.

Guadalupe fez-lhes um agrado e em seguida começou a ajudar a mãe, sem trocar com ela sequer uma palavra. Não era necessário dizer nada, a rotina já era sobejamente conhecida e se repetia a cada noite, sem sofrer alterações. O pobre jantar era preparado, todos comiam em silêncio, depois Guadalupe, Rosália e a mãe limpavam tudo e quando terminavam, as crianças já estavam dormindo, todas amontoadas pelo chão restrito da cabana. As meninas deitavam-se num canto mais privativo, a mãe ia para a sua enxerga, que ficava no ponto mais isolado da casa e, pegando um de cada vez, dava de mamar aos pequenos, dormindo em seguida um sono

forte e cansado. O pai estaria lá fora, fumando o seu cachimbo e admirando as estrelas, e seria o último a entrar na choupana, trancando a porta e arremessando areia sobre o fogo que ardia até aquela hora. Um silêncio sepulcral cairia sobre tudo, trazendo enfim a mortalha da noite sobre eles, até que um novo dia raiasse, para que igual rotina se repetisse.

À mesa sentaram-se em rústicos bancos de madeira e iniciaram a refeição: pão e angu mole de milho com calda de pitangas colhidas no mato ali perto por Erasmo e Rodolfo. Para acompanhar, a mãe fizera enrolados de massa branca cozidos e recheados com uma mistura de pimentões e pimentas cozidas com cebola e alho, que ardiam incrivelmente quando eram mordidos. Para beber, chá verde aromatizado com as pitangas que sobraram da calda e algumas gotas de limão bravo. O pai disse, de chofre:

- Guadalupe, Erasmo e Rodolfo, arrumei um serviço para vocês! Já que são os maiores da casa, vão partir amanhã antes do sol nascer para os campos de flores. Vocês vão colher rosas até encher aqueles engradados que eu trouxe na carroça e, quando estiverem prontos, eu volto para buscá-los.

Guadalupe agora entendia o significado das tralhas que o pai trouxera. Embora a novidade a enchesse de temor e dúvidas, achou por bem, como a mais velha da casa, nada expressar e partir em busca desta conquista com segurança e alegria. Sabia que o pouco dinheiro que poderiam ganhar era da maior importância para a combalida economia da família.

Ela já tinha quatorze anos, era uma adulta e podia muito bem cuidar de Erasmo, que tinha onze e de Rodolfo, que tinha nove anos. Sem dizer mais nada assentiu com a cabeça e cuidou de seus afazeres em soturno silêncio. Embora deitasse e ficasse quietinha na cama de trapos que ocupava, percebeu que o pai ficara até muito tarde sentado lá fora, mirando as estrelas e pensando na vida.

Na madrugada seguinte levantaram-se e, engolindo uma mingau ralo e azedo à guisa de refeição matinal, montaram na velha carroça e partiram pela trilha empoeirada. Foi uma viagem cansativa e ansiosa, os olhos atravessando a paisagem como se quisessem gravar o caminho, assustados com a eminência do desconhecido que os aguardava. Só ao anoitecer, quando os campos ficaram fulvos pela última luz do sol foi que chegaram ao seu destino: uma imensidão ondulada e totalmente colorida, pintalgada pelas roseiras que cobriam os campos com uma regularidade indescritível no plantio. As cores alternavam-se, constituindo um espetáculo de beleza rara e doce, ressaltado pelo embriagador aroma que as flores desprendiam especialmente àquela hora adiantada. Bem ao longe, misturando-se de forma quase indistinta com a paisagem, distinguiam-se algumas colunas de fumaça, denunciadoras da presença de outros seres humanos ali por perto, mas somente por estes sinais percebiam não estar totalmente sozinhos no mundo. O pai estacou, esperou que saltassem e então atirou aos seus pés uma trouxa volumosa e as pilhas de engradados, despedindo-se em seguida:

- Vou aproveitar os últimos raios de sol para adiantar a minha volta. Amanhã preciso estar de volta ao meu trabalho, e vou viajar enquanto der esta noite. Daqui a alguns dias volto para buscá-los. Trabalhem duro e com capricho. Só vou receber o dinheiro se as flores estiverem em bom estado!

Sem dizer mais nada, subiu na carroça e fez com que o cavalo trocasse em direção ao caminho por onde tinham vindo. Guadalupe sentiu que o pânico lhe subia pela garganta na forma de um soluço seco, mas segurou-o para não assustar seus irmãos, cujos olhos esgaçados demonstravam estar ainda mais assustados do que ela. Abriu a trouxa e lá encontrou alguns poucos panos velhos, que haviam sido reunidos para servir de cama, três tesouras enferrujadas embrulhadas num pano de cor e padrão indefinível e um pão duro e seco dentro de um saco de papel amarrotado pelo uso e pelo tempo.

E era tudo! Guadalupe sentiu novamente o pânico subir pela garganta, mas virou-se e suspirou fundo, tentando recuperar o fôlego. Inúmeras dúvidas afloravam em sua mente, mas como não havia respostas, o melhor era não pensar a fim de não se desesperar. Cortou três pedaços do pão, todos iguais, e distribuiu entre eles. Em seguida organizou o melhor que pode os engradados e com eles construiu uma pretensa proteção, no centro da qual arrumou os trapos que lhes serviriam de cama. Nada mais havendo a fazer, deitou-se e instou seus irmão a fazerem o mesmo.

- Erasmo, Rodolfo, vamos dormir! Quanto antes encheremos estes engradados, antes voltaremos para casa! Então vamos descansar para ver se a gente termina o trabalho amanhã mesmo!

No entanto, a noite na campina florida e escura era repleta de sons e presenças apenas pressentidas. Foi difícil adormecer, e durante toda a noite Guadalupe acordara sobressaltada inúmeras vezes, olhando agitada em volta para ver se distinguia algo à luz baça das estrelas. Lobos uivavam ao longe, insetos faziam uma sinfonia assustadora de ruídos e ouvia-se até o rastejar das cobras por entre a ramagem. O vento gemia, deixando a campina ainda mais assustadora e o medo presente acelerava a respiração de Guadalupe.

Acordou exausta e tensa, sem mencionar a fome e o desassossego que inquietava seu coração. Sua esperança era executar rapidamente o trabalho e poder voltar para casa, mas a tarefa revelou-se muito mais difícil do que parecera. Antes da metade do dia estavam com os braços e mãos sangrando, e todos os três choravam, cada qual da sua maneira. Guadalupe deixava escapar lágrimas furtivas, que enxugava rapidamente com as costas das mãos, resultando nisto que se rosto já estava todo manchado de sangue. Rodolfo e Erasmo soluçavam abertamente, praguejando e ameaçando parar a todo o momento. Era Guadalupe quem os animava, prometendo que ao anoitecer estariam prontos e voltariam para a segurança do lar.

Mas foram necessários três dias para que os engradados ficassem todos cheios de flores, separadas por cores e caprichosamente embaladas nas caixas. No último dia, somente Guadalupe trabalhara, enquanto os garotos jaziam nas camas de trapos, nauseados pela fome que os corroía. O pão acabara na manhã do segundo dia, e haviam mastigado raízes amargas para não sucumbir de fome nos outros dias. Estavam tristes, feridos por fora e magoados por dentro. Como o pai pudera deixá-los ali, naquela situação?

Somente no quarto dia depois de ali chegarem foi que avistaram, ao longe, a poeira da carroça do pai que se aproximava. De imediato, os garotos esqueceram a dor e mágoa e puseram-se a correr ao encontro do pai, gritando de alegria. Guadalupe postou-se ao lado dos engradados de flores, orgulhosa do trabalho realizado. Sem dizer uma palavra o pai esticou um farnel de comida para eles e foi carregando a carroça com as flores. Os três comeram o angu de milho da mãe como se fosse a mais maravilhosa iguaria do mundo, e depois os pequenos deitaram-se num canto da carroça, adormecendo quase que imediatamente. O pai ainda permaneceu por quase uma hora quieto, sentado junto à carroça, olhando para o horizonte enquanto fumava seu cachimbo, e depois sem mais uma palavra fez um gesto para que Guadalupe se acomodasse ao lado e partiu para casa.

A chegada deles causou uma certa agitação na família e Guadalupe pode ler nos olhos da mãe o quanto ela ficara

preocupada com as crianças, mas nada se podia fazer, a família não podia dispensar aquele ganha pão.

Nos próximos dias, enquanto Erasmo e Rodolfo afirmavam em bravatas infantis que jamais voltariam para aquele lugar, Guadalupe iniciou uma surda e cautelosa campanha. Todos os dias guardava num buraco que cavara junto ao milho algumas socas de milho fresquinho firmemente embrulhadas em suas próprias palhas. Começou também a juntar frutas, bagas que catava no mato rasteiro que cercava a propriedade, e até ousou retirar um pouco de mel de um pau oco que achara há algum tempo, mas que era guardado por ferozes abelhas pretas e vorazes. Coletou e guardou também pimentas vermelhas e verdes, cebolas redondas e olorosas e até algumas cabeças de alho. Todas as noites pedia um pedaço a mais de pão à mãe e discretamente o guardava na saia. Mais tarde, quando todos estavam dormindo, fazia um embulho bem firme e escondia nos seus trapos, até que pudesse por o tesouro em segurança, no seu buraco do milho. Depois de quinze dias avistou a carroça do pai chegando repleta dos velhos engradados de flores, numa quantidade muito maior do que a primeira vez. Um arrepio lhe percorreu a espinha, e viu um que um ar de desespero escurecia os olhos dos dois irmãos. Ninguém falou nada, mas naquela noite o clima na pequena cabana foi ainda mais tenso e funesto do que nunca. Assim que concluíram as tarefas da noite, Guadalupe pretextou necessidade pessoal e saiu para a noite escura e silenciosa. Empacotou tudo o que guardara naqueles

dias e escondeu no fundo da carroça, sob os engradados. Também guardara uma quantidade grande de panos, que serviriam para proteger as mãos e braços dos espinhos cortantes das roseiras. Mais animada procurou dormir, armazenando energias para os dias difíceis que haveriam de vir.

A viagem foi um pouco mais longa desta vez, pois foram para outro ponto da grande campina florida. O pai falou com orgulho enquanto descarregava os engradados, que os encarregados haviam gostado muito do trabalho deles, e haviam permitido que fizessem uma quantidade maior desta vez. Guadalupe quis perguntar quanto estavam ganhando por aquele trabalho tão desumano, mas faltou-lhe coragem para desafiar o pai. Foi ajudando na descarga, tratando de esconder sua trouxa salvadora dos olhos argutos do pai. Por fim ele atirou a mesma tralha de panos que lhes deixara da última vez e saiu sem dizer mais uma palavra. Guadalupe arrumou o acampamento mas desta vez, como haveria mais recurso, tratou de mandar os garotos juntarem lenha para fazer uma fogueira. Achou que a primeira noite deles naquele ermo merecia, e tratou de preparar um bom cozido de pimentões e milho aromatizado com pimentas e alho, que os irmãos saborearam com surpresa e alegria.

Os tormentos noturnos se repetiram todos com intensidade ainda maior para Guadalupe, e o sol do dia seguinte veio encontrá-la pálida e exangue, com o coração pesado e vazio de esperança.

Desta vez foram necessários oito dias para encher todos os engradados, mas os braços deles já não estavam tão lanhados. Haviam aprendido a se defender dos vorazes espinhos das roseiras, e os panos que Guadalupe trouxera haviam ajudado muito no início. Também os alimentos zelosamente coletados e escondidos por ela tinham sido importantes, se não fundamentais para a sobrevivência deles. Os garotos tinham tido a sorte de caçar uma lebre, e até carne eles tiveram a oportunidade de saborear. Guadalupe, no entanto, sentia o coração pesado. Seu sucesso na sobrevivência e execução da tarefa era uma faca que cortava dos dois lados. Por um lado, tornara sua vida melhor. Mas agora o que impediria o pai de aumentar cada vez mais o quinhão de trabalho deles nos campos de flores? E como ela sozinha poderia coletar todos os alimentos necessários a cada viagem? Devia falar com os irmãos, pedir a colaboração deles, ou calar-se e procurar resolver tudo sozinha? As dúvidas atormentavam a sua mente e não lhe davam descanso.

Quando o pai chegou, no nono dia deles na campina, Guadalupe pareceu ver um certo ar de surpresa no rosto dele. Será que esperava encontrá-los mortos, ou até não achá-los mais? Estas dúvidas começaram a torturar o coração de Guadalupe de tal maneira que ela recorria à sua santa de devoção, de quem levava o nome e que era a padroeira da vila onde nascera, para acalmar a dor que lhe queimava as entranhas.

- Será possível, minha santinha, que meu pai está tentando

se livrar de nós desta maneira? Que outra explicação para nos deixar sem comida e proteção alguma, num ermo destes e só voltando depois de nove dias? Quantos dias serão da próxima vez? Até onde tudo isto irá?

As perguntas queimavam seu coração e as respostas não vinham, por mais que rezasse. Olhava com ar interrogativo para a mãe, esperando que ela tocasse no assunto, perguntasse alguma coisa, mas ela não dizia nada.

- Será que ela tem medo de saber a verdade? Será que não fica angustiada, imaginando como estamos nos virando sem comida e nada naquele ermo, sozinhos e sem nenhuma proteção?

Desta vez parece que a santa ouviu suas súplicas, pois a mãe perguntou de repente para ela, enquanto mexia o caldeirão de angu:

- Como é a comida que o pessoal da plantação de flores manda para vocês? Ouvi dizer que é tudo comida boa, até carne tem! É verdade?

Guadalupe ficou estupefacta! Então a mãe achava que eles estavam sendo bem alimentados pelos empregadores...Será que o pai dissera isto para ela? Mas ele não podia acreditar em tal asneira. Era sempre ele quem descarregava a pobre trouxa na qual vinha embrulhado o único embolorado pão que fazia parte do arsenal deles. Ele tinha que ter visto! Na cabeça de Guadalupe, começou a formar-se

um plano que, imaginava ela, esclareceria estas dúvidas.

Na próxima vez que o pai chegou com a carroça carregada de engradados e comunicou que partiriam no dia seguinte, Guadalupe aguardou ansiosamente que ele fosse sentar-se no seu banco preferido, para olhar as estrelas e fumar o cachimbo, e chegou perto dele trazendo a trouxa mole e pobre que a companhia das flores enviava. Acintosamente abriu-a na frente dele e desembulhou o único e pobre pão que vinha lá dentro, fazendo inclusive um ar de repulsa com o odor embolorado que ele desprendia. A pretexto de arrumar os volumes, manuseou tudo na frente do pai e rearrumou o embrulho sob os olhos vigilantes dele. Agora pelo menos tinha certeza de que ele sabia que não ganhavam comida. Com um certo ar de provocação, buscou os alimentos que havia guardado nos últimos dias e, olhando bem em seus olhos, colocou-os na carroça desafiando-o a dizer algo. Ele ficou em silêncio e, desviando o olhar para o lado, continuou a fumar seu cachimbo soltando baforadas para o nada. Guadalupe foi deitar naquela noite com o coração pesado como se uma mortalha de chumbo tivesse sido atada em seu peito.

No dia seguinte a viagem se fez em sepulcral silêncio, e até os garotos haviam captado a tensão no ar. Jaziam deitados no fundo da carroça, silentes e tristes.

Quando chegaram ao novo lugar de colheita, Guadalupe

decidiu. Desta vez agiria diferente, com mais independência e autonomia. Ela e os irmãos tinham direito a uma vida melhor, mais digna e próspera. Não tinham visto nem a cor do dinheiro que ganharam trabalhando como escravos colhendo rosas, e cada vez o trabalho ficava pior. Se era para se livrar deles, ele iria conseguir! Enquanto a carroça se afastava na poeira, Guadalupe decidiu que o pai nunca mais veria nenhum dos três vivos, custasse o que custasse!

## Terras de *Akauhá Aká* – Brasil – 1852

### K O N K U N A

Os guerreiros perfilados ao pé da mata verde e profunda formavam um bonito espetáculo. Seus corpos estavam pintados de vermelho e preto, cores da guerra e cobertos com um oloroso óleo da arnica, que espantava os insetos e dava resistência às peles morenas. Completamente nus, ostentavam os órgãos sexuais com orgulho, pois eram o símbolo de sua virilidade e maturidade para a guerra. Os cabelos negros, reluziam ao sol daquele final de tarde. Era tão confortades vê-los assim, corajosos e prontos a enfrentar qualquer desafio, fosse qual fosse. Konkuna espiava por entre a densa ramagem da floresta escura e seus olhos brilharam especialmente quando viu Krankhe. Ele parecia, aos olhos dela, o mais belo e valente entre todos. Seus olhos negros como azeviche brilhavam ao divisar a cabeça escura e lisa de Konkuna entre as folhas de caetés, e um olhar mudo e cúm-

plice trocado entre eles revelou que sentiam a mesma emoção.

Konkuna lembrou o encontro nas águas de *Aráh Erê*, o grande e mágico rio que banhava os domínios de sua tribo e ofertava-lhes alimento e a fertilidade necessária para cultivarem o milho e a mandioca, base de sua alimentação.

Konkuna nadava solta e livre na água fresca e, de súbito, Krankhe pulara na água com um grito e fazendo grande estardalhaço. Gritaram e agitaram a água juntos, numa brincadeira espontânea de quem ainda não esquecera de todo a infância. Mas já eram adultos, tinham completado quatorze anos e Krankhe já tinha tido o lábio inferior perfurado, como o símbolo de sua maturidade. Logo esta maturidade falou mais alto e os corpos, roçando-se nus sob a água fresca do *Aráh Erê* começaram a falar a mesma linguagem sensual. Os seios túrgidos de Konkuna roçaram com mais frequência a pele nua do peito de Krankhe, as pernas se entrelaçaram no fundo da água e pouco faltou para que consumassem ali mesmo a paixão que os incendiou. Mas havia rituais a serem cumpridos antes disto, Konkuna ainda não fora consagrada pela tribo na grande Akanatuha, a festa anual de iniciação a jovens, e antes disto tinha que resguardar-se. Mas seu coração já estava irremediavelmente comprometido com o jovem guerreiro.

Ao cair da noite, haviam trocado juras de amor e fide-

dade e combinado que, logo após a grande iniciação, Krankhe pediria Konkuna à família desta, e selariam a sua união numa grande celebração.

Mas naquela noite seus planos sofreram uma mudança. Os guerreiros Akeé, Akuauã e Keeti tinham chegado de uma incursão às terras longínquas que encontravam a grande água e as notícias tinham sido alarmantes.

Sentados junto a fogueira, saboreando uma cateto assado enquanto as mulheres lhes catavam as sevandijas dos cabelos peçados, os guerreiros contaram que uma tribo de homens muito estranhos, brancos como o luar e de cabelos amarelos como a palha do milho haviam tomado conta de uma parte das terras da tribo, justamente aquelas que forneciam a maior reserva de alimento anualmente.

- Lá onde pescamos os maiores peixes que sobem todo ano para fugir da grande água, e onde os palmitos são mais doces e abundantes eles fizeram suas ocas estranhas e se estabeleceram como se donos fossem !

A indignação transparecia clara nas palavras alteradas de Keeti, que narrava a aventura vivida pelos guerreiros.

- Não podemos admitir tal invasão! É preciso que eles saibam que invadiram nossos domínios e não são bem vindos em nossas terras. Senão, a cada ano que quisermos descer até lá para caçar e pescar teremos mais problemas. Esta invasão é motivo de guerra. Acho que nossos me-

lhores guerreiros devem se preparar e rumar para lá sem demora, para provar aos invasores que estas terras tem dono.

Por toda a longa e escura noite os guerreiros dançaram e cantaram em volta da fogueira, invocando suas divindades da guerra e o espírito da coragem que iriam necessitar. À luz mortíça da manhã os encontrou caídos na areia suja e pisoteada, embriagados tanto pela ação da forte aguardente de milho que preparavam artesanalmente quanto pela magia do ritual executado. O sol já ia alto quando jogaram-se na águas do rio e, depois de bem despertos e alimentados, puseram-se a realizar os preparativos para guerra. Krakhe fora um dos primeiros a ser selecionado, devido a sua força física e a vitalidade que irradiava dele como uma energia visível. Passou o dia nos preparativos e, embriagado pela idéia da guerra, nem se lembrou mais de Konkuna. Ele, no entanto, passara o dia observando de longe os preparativos, com o coração aos saltos. Dividia-se entre o orgulho de ver o seu escolhido brilhar em meio a nata dos melhores guerreiros da tribo e o medo de que algo acontecesse com ele, interrompendo uma história que mal começara. Konkuna sonhava com seu corpo forte junto ao dela na oca abafada, esperava ansiosa pela sinfonia do amor que ressoaria na floresta toda. Agora a jovem olhava os guerreiros recebendo o “shimpo” do pagé e sabia que, dentro de alguns minutos, eles sumiriam como sombras na mata. A caminhada era longa, difícil e exigiria

